

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA

DÉBORA LUCENA DE ATAÍDE

JARAGUÁ ONTEM E HOJE: UM LUGAR SOB A ÓTICA DOS IDOSOS.

Maceió

2015

DÉBORA LUCENA DE ATAÍDE

JARAGUÁ ONTEM E HOJE: UM LUGAR SOB A ÓTICA DOS IDOSOS.

Dissertação de mestrado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Maria Emília de Gusmão Couto

Maceió

2015

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

A862j Ataíde, Débora Lucena de.
Jaraguá ontem e hoje: um lugar sob a ótica dos idosos / Débora Lucena de
Ataíde. – 2015.
120 f.: il.

Orientadora: Maria Emília de Gusmão Couto.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço
Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió,
2015.

Bibliografia: f. 116-1118.
Apêndice: f. 119-120.

1. Bairro de Jaraguá, Maceió – História e memória. 2. Idosos – Bairro de
Jaraguá, Maceió - História oral. I. Título.

CDU: 711.5(813.5)(091)

DÉBORA LUCENA DE ATAÍDE

JARAGUÁ ONTEM E HOJE: UM LUGAR SOB A ÓTICA DOS IDOSOS.

Dissertação de mestrado submetida ao corpo docente do programa de pós-graduação de Dinâmica do Espaço Habitado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 20/03/2015

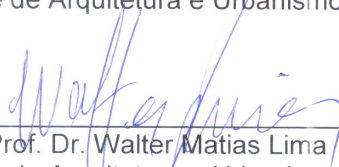


Orientador(a): Prof.^a. Dr.^a. Maria Emilia de Gusmão Couto
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

BANCA EXAMINADORA



Prof.^aDr.^aGiana Melo Barbirato
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



Prof. Dr. Walter Matias Lima
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



Prof.^aDr.^a Cristiane Rose de Siqueira Duarte
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ

Aos meus bisavós, avós e
tios-avós.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela força que me deu para enfrentar esta etapa e não me deixar fraquejar nos momentos de dificuldade.

Ao meu marido, **Chrysthian Almeida**, pelo amor e paciência, apoio e dedicação.

Aos meus pais, **Reinaldo e Suzana**, com os quais pude contar em todos os momentos da vida, em todas as dificuldades, com todo amor e apoio, sempre.

Aos meus **bisavós, avós e tios-avós**, pelo carinho e pelas conversas, das quais sinto tanta falta.

À minha orientadora, **Maria Emília**, pela valiosa e imprescindível colaboração, mas em especial pelo apoio, carinho e pelas palavras amigas durante essa caminhada.

À **banca examinadora**, pela disponibilidade e contribuições essenciais para a finalização do trabalho.

Aos professores do **DEHA**, pelas contribuições acadêmicas.

Às companheiras de mestrado, em especial à **Laís Albuquerque e Lana Brandão**, pelo incentivo e amizade.

A **CAPES** pelo suporte financeiro, ao conceder a bolsa de mestrado.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutível que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido.

Walter Benjamin

RESUMO

Jaraguá é um bairro de grande importância social, econômica e cultural para a cidade de Maceió, uma vez que é neste local que estão localizadas tantas das mais belas e antigas edificações da cidade. Local onde se deu o início da vila de Maceió, e assim a primeira capital de Alagoas, a partir do desenvolvimento e comércio proporcionados pelas atividades portuárias do bairro.

Tendo em vista a importância desse bairro para a capital Alagoana, a intenção deste trabalho encontra-se principalmente em identificar a importância da relação entre as memórias das pessoas e sua ligação com a dinâmica dos lugares, sobretudo aqueles que representam o início da história de uma cidade e servem de referência histórica e cultural, como é o bairro de Jaraguá.

Acredita-se que a memória dos idosos, antigos residentes de Jaraguá, ou daqueles que tiveram uma relação com o bairro, provavelmente têm muito a contribuir sobre os aspectos responsáveis pelas modificações históricas e sociais que o bairro vem sofrendo ao longo das últimas décadas, as quais separam os seus dias de auge dos dias de hoje, quando o bairro é visto sob um olhar de abandono e esquecimento pelo restante da população de Maceió.

O documento esboça uma breve perspectiva histórica de Jaraguá, e faz um recorte sobre os lugares e aspectos mais relevantes para este trabalho, considerando os locais mais citados e frequentados pelos entrevistados.

Utilizou-se como metodologia para auxiliar a busca dos objetivos da pesquisa a história oral, método que busca entender a história através das memórias de pessoas que vivenciaram um lugar ou uma época, como também o uso de imagens antigas e atuais de Jaraguá, onde os idosos puderam fazer um comparativo, com o auxílio dessas imagens, sobre quais mudanças espaciais aconteceram na área, através de suas lembranças, e se elas têm relação com a situação atual do bairro.

Foi a partir dessa construção oral, sob a ótica dos idosos, que buscou-se entender os motivos que deixaram o bairro num estado de abandono e deterioração, em que hoje ele se encontra, e que foi possível compreender a importância em resgatar o valor histórico e cultural desse bairro da cidade de Maceió, explorando ainda a memória e a história da área como ferramentas atuantes para sua preservação e possivelmente na viabilização de sua ressocialização.

Palavras Chave: Memória. Idosos. Jaraguá

ABSTRACT

Jaragua is a district of great social, economic and cultural to the city of Maceio, since it is here that are located many of the most beautiful and ancient buildings of the city. Where you began its Maceio village, and so the first capital of Alagoas, from development and trade provided by port activities in the neighborhood.

Given the importance of this neighborhood for Alagoas capital, the intent of this paper mainly lies in identifying the importance of the relationship between people's memories and their connection with the dynamics of places, especially those representing the early history of a city and serve as a historical and cultural reference, as is the Jaragua neighborhood.

It is believed that the memory of the elderly, former residents of Jaragua, or those who had a relationship with the neighborhood, probably have much to contribute on the aspects responsible for the historical and social changes that the neighborhood has suffered over the past decades, who separate their days of peak-day, when the neighborhood is seen in an abandonment of looking and forgetting the rest of the population of Maceió.

The document outlines a brief historical perspective of Jaragua, and makes a cut on the spot and more relevant to this work, considering the most cited local and frequented by respondents.

It was used as a methodology to assist the search of the research objectives oral history, a method that seeks to understand the story through the memories of people who experienced a place or a time, but also the use of old and new pictures of Jaragua, where elderly might make a comparison with the aid of these images, on which spatial changes occurred in the area, through their memories, and if they are related to the current situation of the neighborhood.

It was from this oral construction, from the perspective of older people, which we sought to understand the reasons that have left the neighborhood in a state of neglect and decay, where today he is, and that it was possible to understand the importance of rescuing the historical value and cultural of the city of Maceio neighborhood, still exploring memory and history of the area as active tools for preservation and probably the viability of their rehabilitation.

Keywords: Memory. Senior. Jaragua

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - As praias de Jaraguá: Pescadores em arrastão, ao fundo as pontes dos trapiches em 1939.....	20
Figura 02 - As praias de Jaraguá: Pescadores saindo para o mar, 1930.....	20
Figura 03 - Construção do porto de Jaraguá, década de 40.....	21
Figura 04 - Construção do porto de Jaraguá, década de 40.....	21
Figura 05 e 06 - Cais do porto de Jaraguá concluído, chegada de navio.....	22
Figura 07 - Ponte de embarque, Jaraguá.....	23
Figura 08 - Portal da Ponte de embarque, Jaraguá.....	23
Figura 09 - Trapiche Novo, situado na Sá e Albuquerque, Jaraguá.....	24
Figura 10 - Antigo Trapiche Williams, 1919, Jaraguá.....	25
Figura 11 e 12 - Antigos Armazéns, Villela e Cia e Rosa e Borges Cia, 1919, Jaraguá.....	25
Figura 13 - Praça Dois Leões. Animais de ferro fundido adornavam a praça, 1918.....	26
Figura 14 e 15 - Praça Dois Leões. O desenho Francês de seus Jardins, 1918.....	26
Figura 16 - Estátua da Liberdade de Jaraguá, ao fundo a Ponte de Embarque, e ao lado esquerdo o Largo da Recebedoria, e a direita a Ponte do Trapiche Novo, 1920.....	27
Figura 17 - Matriz de Jaraguá, início do século XX.....	27
Figura 18 - Associação Comercial.....	29
Figura 19 - Recebedoria Central.....	29
Figura 20: Antigo Prédio da Recebedoria Central, depois da reforma que lhe deu a forma de sobrado, 1920.....	30
Figura 21 - Rua da Alfândega ou Sá e Albuquerque como hoje e chamada. Local onde se situavam muitas das pensões e cabarés, 1945.....	32
Figura 22 - Estação de Jaraguá.....	35
Figura 23 - Jaraguá antigo, continuação dos trilhos da Rua Buarque de Macêdo e Avenida Maceió, década de 50.....	35
Figura 24 - Calçamento da Rua da Alfândega, Jaraguá.....	36
Figura 25 - Avenida da Paz, bonde sobre trilhos.....	36

Figura 26 - Avenida da Paz, bonde passando em frente à Mansão dos Machado, como era chamado o Museu Theo Brandão.....	37
Figura 27 - Enchente 1924, Praça dois Leões.....	38
Figura 28 - Enchente Estrada Nova, Jaraguá.....	38
Figura 29 - Enchente Estrada Nova, Jaraguá.....	38
Figura 30 - Mapeamento dos Locais onde foram realizadas as entrevistas no bairro de Jaraguá, 2014.....	41
Figura 31 - Descrição explicativa do formulário em blocos.....	48
Figura 32 - Ilustração da forma dos cartões utilizados na pesquisa.....	52
Figura 33 - Antigo casarão do bairro de Jaraguá, em ruínas. Exemplo dentre muitos outros edifícios que não fizeram parte do plano de revitalização realizado no bairro, 2014.....	59
Figura 34 - Rua Sá e Albuquerque, atualmente, após a revitalização, 2014.....	71
Figura 35 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização. Os bares e restaurantes atraíam inicialmente muitos Maceioenses e visitantes, 2014.....	73
Figura 36 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização. Os bares e restaurantes atraíam inicialmente muitos Maceioenses e visitantes, 2014.	73
Figura 37 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização, prédio onde hoje funciona a sede do IPHAN (Instituto do Patrimônio histórico Nacional), 2014.....	73
Figura 38 - Imagem do projeto do Centro Pesqueiro de Jaraguá, 2014.....	75
Figura 39 - Imagem do projeto do Centro Pesqueiro de Jaraguá, 2014.....	76
Figura 40: Praça Dois Leões, antiga Praça General Lavenere. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	78
Figura 41 - Praça Dois Leões, antiga Praça General Lavenere, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	78
Figura 42 - Praça General Lavenere, 1910. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	79
Figura 43 - Praça Dois Leões, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	79

Figura 44 - Trapiche Novo, situado na antiga Rua da Alfandega. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	80
Figura 45 - Banco do Brasil, antigo Trapiche Novo, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	81
Figura 46 - Trapiche Faustino, por volta de 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	81
Figura 47 - Ruínas de um antigo armazém, o qual entende-se ter sido o antigo Trapiche Faustino, 2014. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	82
Figura 48 - Antiga Rua da Alfandega, hoje Sa e Albuquerque, com o trilho de tração animal, 1912. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	82
Figura 49 - Rua Sá e Albuquerque, trecho contemplado pela revitalização do bairro, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	83
Figura 50 - Portal da Ponte de Embarque. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	84
Figura 51 - Local onde situava-se o Portal da Ponte de Embarque, a direita do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	85
Figura 52 - Passarela da Ponte de Embarque, a direita a Recebedoria Central, a esquerda o Trapiche Novo, e ao fundo o Sindicato dos Estivadores, 1930. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	85
Figura 53 - Local onde estaria a antiga Ponte de Embarque, hoje a calçada da Vila dos Pescadores, a direita o Museu da Imagem e do Som, a esquerda o Armazém Usina, e ao fundo o Sindicato dos Estivadores, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	86

Figura 54 - Jaraguá antigo. Palacete dos Machado (Museu Theo Brandão), antes da reforma que lhe concedeu a cúpula. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	86
Figura 55 - Museu Théo Brandão, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	87
Figura 56 - Rua da Alfândega, antigos armazéns e casas noturnas. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	89
Figura 57 - Rua Sá e Albuquerque, antiga Rua da Alfândega, atual prédio da Faculdade de Alagoas (FAL), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	90
Figura 58 - Igreja Mae do Povo, Matriz de Jaraguá. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	92
Figura 59 - Igreja Mãe do Povo, reconstruída por trás do terreno da anterior, 2014. Responsável por muitas das lembranças dos entrevistados. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	93
Figura 60: Fachada Frontal da Recebedoria Central, antes da reforma que lhe transformou em sobrado. Prédio onde funcionou a segunda delegacia auxiliar de policia na década de 60. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	98
Figura 61: Fachada Frontal do Museu da Imagem e do Som (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	98
Figura 62 - Recebedoria Central, Praça 18 de Copacabana, década de 20. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem. . Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	99
Figura 63 - Museu da Imagem e do Som (MISA), fachada posterior, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	99
Figura 64 - Associação Comercial, antiga Rua da Alfandega, ao fundo os bondes de trilho. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	101

Figura 65 - Associação Comercial, Rua Sá e Albuquerque, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	101
Figura 66 - Coreto Praia da Avenida. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	104
Figura 67 - Coreto Praia da Avenida, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	105
Figura 68 - Imagem da Estátua da Liberdade, tirada da Recebedoria Central, ao fundo a Ponte de Embarque, e mais a direita a Ponte do Trapiche Novo, 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	107
Figura 69 - Estátua da Liberdade, tirada do Museu da Imagem e do Som (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	107
Figura 70 - Banco de Alagoas, Rua da Alfandega, 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	108
Figura 71 - Antigo Banco de Alagoas, 2014. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.....	108

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	BREVE HISTÓRICO	17
1.1	Conhecendo Jaraguá	17
1.2	Recorte Espacial Memorável	20
1.2.1	O Porto de Jaraguá.....	20
1.2.2	A Ponte de Embarque.....	22
1.2.3	Os Trapiches de Jaraguá.....	24
1.2.4	A Praça Dois Leões.....	26
1.2.5	A Estátua da Liberdade.....	27
1.2.6	A Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo.....	27
1.2.7	A Associação Comercial.....	28
1.2.8	O Museu da Imagem e do Som (MISA).....	29
1.3	Fatos, Acontecimentos, Elementos Memoráveis	30
1.3.1	A tradicional Vida Noturna de Jaraguá.....	30
1.3.2	Os Velhos Bondes.....	33
1.3.3	A Insalubridade e as Enchentes de Jaraguá.....	37
2	O INSTRUMENTAL METODOLÓGICO	39
2.1	A Escolha da Metodologia e da Amostra	39
2.2	A Escolha da Amostra	42
2.3	A História Oral, os Processos Perceptivos e a Ancoragem	42
2.3.1	A História Oral.....	42
2.3.2	O Processo Perceptivo.....	48
2.3.3	O Processo de Ancoragem.....	50
3	REVISITANDO CONCEITOS E VALORES: O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E A REVALORIZAÇÃO DO BAIRRO DE JARAGUÁ	53
3.1	Sob a Ótica dos Idosos	53
3.2	O Desenraizamento e o Esvaziamento Cultural como impulsionadores de um sentimento de não pertencimento de uma sociedade para com seu patrimônio histórico e cultural	57
3.3	O Desenraizamento da sociedade e a Descaracterização do espaço urbano	60

3.4	A Descaracterização dos centros históricos e sua Transformação de consumo.....	62
3.5	O Conceito de “lugar e não- lugar”. Jaraguá como “lugar” para os antigos moradores do bairro.....	66
3.6	A Revitalização de Jaraguá: o Enobrecimento do bairro	68
4	RESULTADOS.....	77
4.1	A Ótica dos Idosos sobre as relações de convivência no bairro de Jaraguá.....	87
4.1.1	Quanto a Segurança.....	87
4.1.2	Quanto aos Motivos que Levaram o Bairro a Atual Situação de Abandono.	89
4.1.3	Quanto aos Aspectos Relacionados a Revitalização Sofrida pelo Bairro....	90
4.1.4	Quanto ao Potencial Econômico do Bairro de acordo com a opinião dos comerciantes entrevistados.....	91
4.1.5	Quanto as Lembranças dos Entrevistados Sobre o Bairro de Jaraguá.....	92
4.1.6	Quanto as Principais Mudanças Espaciais do Bairro.....	93
4.2	Uma amostra das Entrevistas.....	94
	CONCLUSÕES.....	110
	REFERÊNCIAS.....	115
	APÊNDICE.....	118

..

INTRODUÇÃO

Com base na idéia de preservar o patrimônio histórico, através de um resgate investigativo do passado do bairro de Jaraguá, se deu o desenvolvimento deste trabalho, numa busca das lembranças, memórias e informações, de seus antigos moradores.

O estudo pretende se utilizar da percepção e da memória dos antigos residentes do bairro de Jaraguá, assim como daqueles que não mais moram ali, mas que possuem alguma relação com o mesmo. Através de suas memórias, tentar-se-á analisar quais aspectos levaram este lugar, marco histórico da cidade de Maceió, a sua atual situação de abandono e deterioração.

Os antigos moradores do bairro de Jaraguá, supostamente, detêm muito conhecimento sobre a história do lugar, por isso podem contribuir com as lembranças e memórias de sua vivência na região para que a presente pesquisa possa alcançar seus objetivos.

A pesquisa tentará entender qual seria o motivo para que este bairro tenha se tornado uma área de passagem entre os outros e passiva de abandono pelo restante da população, segundo a visão dos idosos entrevistados, e se existiriam fatores que pudessem ser responsáveis por trazê-los novamente a residir ou frequentar a área, devolvendo ao bairro participação na vida social, comercial e habitacional da cidade. Entende-se que a inexistência de uma política de preservação da memória de Jaraguá, na qualidade de centro histórico da cidade de Maceió, pode ser uma hipótese considerável em um futuro trabalho.

A fala dos idosos, e sua relação com o bairro, apresentam suas memórias enquanto importância fundamental nesta pesquisa, que apontará, através de entrevistas, respostas às questões e hipóteses levantadas pelo trabalho.

A investigação apresenta no primeiro capítulo um breve estudo sobre a história de Jaraguá fazendo um panorama sobre o recorte espacial aqui proposto, tomando como base, os lugares, monumentos e aspectos mais relevantes da história de Jaraguá diante de um pequeno estudo feito antes de ser dado início a esta pesquisa, através de conversas informais com antigos moradores do bairro, com o intuito de conhecer melhor os aspectos de maior importância relacionados à história e cultura da área.

A história oral, enquanto método ou técnica de estudo, será abordada no segundo capítulo através de entrevistas feitas com antigos moradores do bairro ou pessoas que têm uma relação direta ou indireta com a área e possam através de suas memórias relatar fatos e lembranças que auxiliem a pesquisa na construção e conhecimento dos mais importantes acontecimentos históricos para os moradores. Assim como será explorada também no segundo capítulo, uma análise de imagens entre o Jaraguá de ontem e hoje, utilizando a associação direta, de forma complementar a história oral, através do processo de ancoragem, onde o idoso se insere com suas memórias e resgata de suas lembranças informações que auxiliem no desvendamento deste espaço e na construção de um cenário facilitador para a possível resolução das questões propostas neste trabalho.

Tomar-se-á como fonte inspiradora deste método os estudos de Ecléa Bosi (2003), como fundamento para melhor entender como trabalhar com idosos, tomando como base obras da autora que abrangem a situação do idoso na sociedade contemporânea. A presente investigação, ao se inspirar nas contribuições desta autora, adquire uma melhor compreensão da metodologia da história oral e sua importância para investigações científicas que se baseiam no conhecimento do passado construído empiricamente através da narrativa e da memória. Assim como a pesquisa também encontra em Walter Benjamin a memória como preservação das raízes, tradições e do patrimônio histórico. Para Benjamin o esvaziamento cultural vivido nos dias atuais pela sociedade moderna pode se caracterizar como uma crise de identidade urbana.

Com base nos processos da ancoragem, abordados por Serge Moscovici, onde o ato de classificar é dar nome a algo, e desta forma representá-lo facilitando a compreensão e interpretação das características daquilo que é visto, a pesquisa tentará fundamentar a história oral. Para identificar suas memórias, através do trabalho realizado com as imagens antigas e atuais do bairro, os idosos precisarão entender a representação da imagem diante da significação do que é visto, buscando nas imagens o que é familiar, preceitos em que se baseiam a ancoragem de Serge Moscovici.

Foram convidados a participar da pesquisa vinte idosos com mais de sessenta anos dentre moradores ou antigos moradores do bairro e pessoas que têm uma relação de proximidade com Jaraguá. Elas foram abordadas nas portas de suas residências ou através de uma indicação obtida pela pesquisa, anteriormente.

A pesquisa apresenta uma discussão sobre uma temática envolvendo o sentimento de pertencimento e o enraizamento, enquanto elementos delineadores do desenraizamento histórico e cultural, vividos pelos indivíduos nos dias de hoje, sobre o seu patrimônio histórico e edificado e sobre a importância em conservar tradições e o passado, valores, e raízes, princípios perdidos no contexto atual, em detrimento de uma crescente modernização capitalista, que transforma o espaço urbano, e nesse caso os centros históricos, assim como foi o caso do bairro de Jaraguá em Maceió, em mercadoria de consumo ao explorar o potencial turístico e com isso o aquecimento da economia do estado.

Os resultados da pesquisa, obtidos através das entrevistas com os idosos que moram ou têm relação com o bairro, sobre qual seria sua posição quanto à possibilidade de Jaraguá se reinserir na dinâmica social da cidade e a importância da preservação da sua historicidade, assim como quais seriam as mudanças sociais e espaciais acontecidas no bairro identificadas através de suas memórias e lembranças, e se essas têm alguma responsabilidade sobre a atual situação de abandono que Jaraguá se encontra nos dias de hoje, serão expostas no capítulo quatro.

Um fator impulsionador à realização dessa pesquisa foi a suposição sobre o desconhecimento da população de Maceió sobre a importância do patrimônio histórico e cultural que o bairro de Jaraguá representa para a sua cidade.

A transmissão do valor de preservação da cidade, do patrimônio histórico, das tradições e raízes às futuras gerações pode estar ameaçada pelo processo desordenado de urbanização das cidades, e pelo desenraizamento da população, constatando que vive-se um novo tempo, que abrange uma forma diferente de pensar, sobretudo sobre a situação do idoso na sociedade atual, onde essa parcela da população não é tratada com a importância devida, uma vez que os idosos são a representação das raízes e tradições de um povo.

Como consequência desse processo, a preservação do patrimônio cultural, assim como o pertencimento as lembranças e raízes, são conceitos cada vez mais raros, o que contribui para descaracterizar o espaço urbano e acirrar uma crise de identidade da população, diante da importância da preservação da cidade como ferramenta de suporte para a construção da memória social e da identidade coletiva, o que contribui para alimentar o senso de cidadania.

1 BREVE HISTÓRICO

1.1 Conhecendo Jaraguá.

Numa pequena área entre o centro da cidade e o mar surgiram os primeiros indícios do surgimento da Vila de Maceió, que passou a ser uma região cujo progresso econômico se expandira além da capital da capitania, a atual Marechal Deodoro, onde estavam localizadas as primeiras repartições públicas e a residência do governador. Acredita-se que os créditos desta evolução econômica podem ser dedicados a transformação da região, que se tornou o bairro de Jaraguá, na área onde se concentrou as atividades portuárias da cidade, responsável por importantes negócios de todos os rumos, o que alavancou as transações comerciais desta época.(DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011).

O bairro de Jaraguá é uma área de grande importância social, econômica, cultural e histórica para a cidade de Maceió. É lá onde estão localizadas tantas das mais belas e ricas edificações antigas da cidade. O fato de localizar-se a margem de uma das belíssimas praias da cidade, já foi responsável por tantos passeios dos moradores de toda a cidade, onde usufruíam dos banhos de sol e de mar. Jaraguá representa uma área de grande potencial histórico, cultural e social da cidade de Maceió, o que poderia configurar uma importante ferramenta a ser explorada com o intuito de preservar as antigas edificações da área, e com isso uma grande parte da história de Maceió.

Até meados do século passado, Jaraguá costumava disputar com a atividade comercial do centro da cidade, através de suas grandes lojas atacadistas e varejistas, de tecidos, sapatos, acessórios, serviços, dentre outros estabelecimentos comerciais. O bonde era um veículo de locomoção bastante utilizado pela população a fim de fazer compras no bairro.

O comércio sempre foi a vocação histórica de Jaraguá. Desde quando era a enseada das canoas e Franceses e Portugueses disputavam a parceria com os índios para as trocas, levando pau-brasil, a preciosa madeira vermelha- e deixando as quinquilharias européias. Transformada na *City* financeira da cidade e na vitrine das mudanças urbanas e materiais, passando depois a ser o bairro boêmio, foi palco de acontecimentos importantes. [...] Competia com Maceió, como era conhecido o atual Centro da cidade, pela primazia dos melhoramentos. [...] Jaraguá era porto e porta

dessas mudanças. Os melhoramentos se sucediam: ruas passaram ser iluminadas por lâmpadas a “gás kerosen”, foi instalada a rede telegráfica, calçamento das ruas principais, jardins nas praças, prédios modernos nas principais repartições públicas, como o Consulado Provincial, a Alfândega, a Repartição do Selo e a Capitania dos Portos (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.62).

Com o passar dos anos a atividade dos portos de Jaraguá se intensificou, e deste modo a área tornou-se um local comum de permanência e passagem de marinheiros e trabalhadores. Devido a esta constante frequência masculina surgiu então a intensa vida noturna de Jaraguá, atraindo para as ruas do bairro estabelecimentos que abrigavam a prostituição, “pensões” e “casas de festa”, onde as noites se entendiam em longa boemia. Até os dias de hoje, sabe-se em toda a cidade sobre esse passado boêmio de Jaraguá, assunto bastante comum entre as pessoas mais idosas que vivenciaram a época em que o bairro era procurado devido a essas atividades. A partir destes acontecimentos as famílias que residiam no bairro foram se afastando e a repercussão da fama da região imprimiu ao bairro uma imagem marginalizada pela sociedade, (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011).

Acredita-se que seria a esta imagem marginalizada, cultivada através de décadas, deixada pela passagem dos prostíbulos e uma intensa vida noturna, que se deve a situação atual do bairro. Em Jaraguá, nos dias de hoje, remanescem apenas um pequeno número de residências, antigos galpões abandonados, alguns estabelecimentos comerciais e bancos. O bairro teve sua imagem completamente denegrida pelo passado, por este motivo sofreu uma grande evasão residencial. Contudo, também teve sua época áurea, onde foi moradia e passeio de tantas famílias importantes, hoje é visto pela sociedade como um local abandonado.

A Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, que por anos foi frequentada por tantos fiéis e famílias de Jaraguá, passou um longo período abandonada, e fechada, atravessando um triste processo de deterioração.

O bairro de Jaraguá sofreu grandes modificações no que se refere ao seu espaço físico e também sua arquitetura, que implicaram na situação decadente que o bairro encontrava-se antes de atravessar um período em que suas principais ruas passaram por um processo de revitalização.

Há quem levante a possibilidade da política de revitalização¹ não ter sido voltada para o benefício dos moradores da área. Por ser um bairro histórico, a maior parte de seus moradores é de pessoas idosas, muitos ainda são os antigos residentes dos poucos que restaram no bairro. Como a revitalização contou com um incentivo turístico Jaraguá foi bastante explorado com o estabelecimento de casas noturnas, o que de forma nenhuma beneficiou a população idosa da área ou os residentes da favela de Jaraguá, estabelecida recentemente no local. Esse será um assunto melhor explorado no capítulo 2.

Embora este plano de revitalização tenha sido realizado, existem muitos outros fatores que, acredita-se, poderem impedir a resocialização e recuperação do bairro.

Esta situação a que o bairro de Jaraguá está exposto, há tantos anos, apenas vem dar força a suposição sobre o desconhecimento da população quanto à importância de preservar sua história. A falta de educação patrimonial dos habitantes da cidade seria um dos motivos pelo qual poder-se-ia tentar justificar essa situação de esquecimento em que Jaraguá permanece refém por tantos anos, mesmo tendo passado por essa revitalização. Supõe-se que uma grande parte da população não tem um esclarecimento sobre a real necessidade de se manterem vivas as suas lembranças e memórias e de como isto está correlacionado com a preservação da cidade e principalmente de seus centros históricos.

Por isso, entende-se então, que não existe um senso de pertencimento desta população para com seus bens patrimoniais, sejam eles edificadas ou não.

Como foi dito por Dantas, Tenório e Menezes (2011), Maceió se constrói desde o século XIX sob a luz de um plano traçado previamente e cresceu eclética.

Pontilha tal desenho urbano a Rua do Sol com a Catedral e as igrejas do Rosário e dos Martírios. Diante de duas delas, praças, destas saem varias ruas, e nelas o casario. Os cartões-postais produzidos em Maceió pela

¹ O Projeto de Revitalização do bairro do Jaraguá visou integrar o “Projeto Paraíso das Águas”, um dos componentes do Programa de Desenvolvimento Turístico do Estado de Alagoas, inserido no PRODETUR/NE. Foi elaborado em 1994, o Plano Setorial de Desenvolvimento Urbano do Bairro do Jaraguá, que objetivava a recuperação física do bairro assim como uma mudança de usos com foco em suas potencialidades turísticas e histórico-culturais (LIMA, 2010, p.50).

empresa gráfica dos Trigueiros ilustram tal crescimento urbano e envaidecem toda a gente (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.27).

Ainda segundo os autores acima, as idéias que norteavam a nova *onda* da arquitetura moderna ainda não sopravam na primeira metade do século XX na capital Alagoana. Os costumes europeus chegaram pelo porto, e depois pela via aérea. O Brasil se unia pelas ondas do rádio do resto do mundo, e as cidades se iluminavam a noite. O transporte de bonde puxados a burros, e depois movidos a eletricidade, assistiu a chegada dos primeiros carros. Com o adensamento urbano, a vaidade de ter os primeiros arranha céus. A província das Alagoas virou estado de Alagoas.

Em uma das extremidades da orla marítima (Ver imagem 1 e 2), bem perto de uma de suas “pontas” como chamou Claudio Victoriano (2004), em Jaraguá, divisa com Içara, que mais tarde seria chamada de praia de Pajuçara, foi erguida sua primeira casa, por volta de 1609 e seu proprietário, o Sr. Manoel Antônio Duro, homem de posses e exímio comerciante.



Figura 01 - As praias de Jaraguá: Pescadores em arrastão, ao fundo as pontes dos trapiches em 1939.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 02 - As praias de Jaraguá: Pescadores saindo para o mar, 1930.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

1.2 Recorte Espacial Memorável.

1.2.1 O Porto de Jaraguá

Jaraguá tinha uma predestinação a caís natural de modo que suas barreiras de proteção, contra a ação das correntes marinhas proporcionavam segurança às embarcações, que transportavam mercadorias como algodão, açúcar e fumo. O

porto da praia do Francês era preferido pelas embarcações até a ocorrida invasão holandesa, em 1630. Já segundo Dantas, Tenório e Menezes:

Os lusos continuavam com o comércio retalhista e os britânicos com o atacadista. A antiga capital assistia ao esvaziamento de seu porto, afastado do litoral, dificultando o intercambio comercial. Já o Porto do Frances, que oferecia melhores condições, havia sido desativado por Melo e Povoas, um entusiasta do sitio maceioense para a nova capital. Esta interdição e a precariedade do porto da capital tornaram-nos dependentes de Maceió para a importação e exportação dos produtos (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.47).

Ainda segundo os referidos autores, com o passar dos anos ouvia-se sobre as referências ao porto de Jaraguá e suas vantagens. Com essa preferência conquistada pelo porto tornou-se mais fácil o transporte dos produtos para o interior, provocando o surgimento de um pequeno comércio, e assim de um povoado, atraindo moradores e comerciantes.

A região logo se tornou um centro de abastecimento da área. O porto de Jaraguá consolidou-se com a chegada do fidalgo da Casa Real e Tenente-Coronel Sebastião Francisco de Melo e Póvoas, para primeiro governador de Alagoas, que desembarcou em 27 de dezembro de 1818. O fato de Maceió possuir o porto de Jaraguá proporcionou a capital o privilégio de ser a sede administrativa da nova capitania. Foram instaladas nas proximidades do porto a Alfândega e a junta de Arrecadação Real. Mas foi depois da proclamação da República que foi discutido o planejamento para a construção do porto oficial, que deveria ser na praia de Pajuçara ou Jaraguá. As imagens 03 e 04 mostram o porto de Jaraguá em etapa de construção.



Figura - 03: Construção do porto de Jaraguá, década de 40.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.



Figura - 04 : Construção do porto de Jaraguá, década de 40.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.



Figura 05 e 06 - Cais do porto de Jaraguá concluído, chegada de navio.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.

Foi o Interventor Federal Dr. Osman Loureiro, que escolheu a enseada de Jaraguá como local definitivo para a construção do porto (inaugurado na década de 40 do século XX), que posteriormente veio substituir a ponte de embarque, que antes era utilizada, (VICTORIANO, 2004).

O ano da inauguração do cais do porto, 1942, marcou a saída das famílias tradicionais do bairro, tornando apenas uma região de “passagem” entre o Centro da cidade e a orla marítima.

1.2.2 A Ponte de Embarque

Na alma de Marieta, o noivo era como se fosse a própria vida porque respirava o perfume de suas lembranças e cartas de amor. A distância que os separava parecia agravar sua paixão, até o dia em que recebeu um aviso: ele chegaria de navio em dez dias, já com os papéis prontos para o casamento breve, dinheiro para iniciarem a vida juntos, emprego numa repartição Federal em Maceió.

No dia da chegada lá estava a moça na ponte de Jaraguá, só Deus sabia quanta emoção fervilhava em sua alma sonhadora e apaixonada. [...] Contudo, ela não estava pronta para o que iria viver desde o momento em que um bote vindo do paquete ao largo atracou no batente da ponte, sem passageiro a bordo, apenas os quatro remadores e um homem com farda da Marinha Mercante de pé, ao lado de um pacote longo como um esquife, tomando mais da metade do comprimento do bote, com uma mala de viagem e dois pacotes de papel de embrulho ao lado.

“Quem vai receber o corpo do rapaz”? Foi a pergunta do médico de bordo do paquete, [...] Seu corpo tinha de ser entregue junto com os papéis: atestado de óbito, inquérito sanitário de bordo, relação de pertences do morto...O homem ia falando tudo isso, quando foi interrompido por um grito de horror da moça (PEDROSA, 1998, p. 78).

Graças a antigas imagens como ao lado podemos ter idéia de como foi esse importante elemento da história social e econômica de Jaraguá, pois hoje não existe nenhum vestígio físico de sua existência no lugar em que ocupava, entre o Museu da Imagem e do Som e o Armazém Usina. Segundo Lima (2010), foi em 7 de setembro de 1870 que surgiu a primeira ponte de embarque do porto, um caminho suspenso sobre colunas de ferro e estrado de madeira, e com ela muitas lojas sofisticadas, residências imponentes e clubes sociais consolidando-se a tendência de bairro para famílias abastadas.



Figura 07 - Ponte de embarque, Jaraguá.
Fonte: Arquivo público de Alagoas, 2013.



Figura 08 - Portal da Ponte de embarque, Jaraguá.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.

O escoamento dos produtos locais para outras regiões e o desembarque das novidades que chegavam das grandes cidades foram determinantes para a efervescência do bairro que catalisava não apenas a entrada e a saída de mercadorias, mas principalmente o contato com os costumes de outros povos. Em 1870 foi construída a ponte de embarque e desembarque de passageiros entre o Trapiche Novo e o Consulado Provincial, atendendo a uma velha aspiração da comunidade. Nessa mesma época prédios de grande porte a exemplo da Alfândega, da Associação comercial, da Recebedoria Central e do Banco de Alagoas, também foram levantados (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.205)

A ponte firmou-se como ponto de reunião da sociedade. Começava ao lado da Recebedoria Central (hoje prédio do MISA- Museu da Imagem e do Som), antigo Consulado, e do trapiche Novo, próximo da estátua da Liberdade, monumento de grande importância para o cenário da praia. O Inglês Hugh Wilson foi o responsável pela sua construção, enfatizou Victoriano (2004). Existem alguns arquivos de histórias e contos românticos sobre a ponte de embarque, o que mostra que fez parte de importantes momentos daqueles que alcançaram sua existência:

A ponte era romântica, com o bote a se afastar lentamente, em remadas ao ritmo das ondas, levando para cada vez mais longe o viajante. Tudo era

charmoso, lembrava cenas de filmes inesquecíveis gravados para sempre na memória. Sua arquitetura combinava com a paisagem e com as roupas das pessoas... Lembrava Paris, lembrava Londres, Lembrava Maceió! (VICTORIANO, 2004, p.05).

1.2.3 Os Trapiches de Jaraguá

Duas décadas após o surgimento da primeira ponte de embarque, o bairro já possuía cinco armazéns de grande porte, quatro trapiches alfandegários, nove pontes de embarque e desembarque de carga e passageiros, fábricas de vinagre, uma agência bancária e cinco agências de navegação, afirmou Tenório (*apud* Lima, 2010). Os imponentes sobrados, assim como bancos, cabarés, casas comerciais e restaurantes têm grande importância para o bairro de Jaraguá, no entanto, foram os trapiches - conjunto de pontes em terra firme, de longo comprimento, sobre palafitas, por vez eram cobertas de zinco, outras não tinham cobertura, eram singelas, partindo dos armazéns em direção ao mar - que marcaram a história econômica de Jaraguá.

A gênese arquitetônica de Jaraguá foi forjada pela dinâmica portuária. Exportações em grande escala, a partir do século XIX, motivaram a construção de armazéns conhecidos por trapiches, cuja característica principal era a utilização de pontes no transporte da mercadoria até a embarcação. Os mais avançados e amplos, instalados na rua da Rua da Alfândega, atual Sá e Albuquerque, destacavam-se pela sofisticação de equipamentos. Dentre estes estão o Faustino, O segundo, o Novo e o Jaraguá (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.205)

Segundo Victoriano (2004), de meados do século XIX em diante, foram construídos os primeiros trapiches de Jaraguá ou o aterro para a descarga do bacalhau, vindo da Europa e outras mercadorias, como também para o carregamento do açúcar bruto, tanto para o exterior, como para os portos do norte e do sul do Brasil.



Figura 09 - Trapiche Novo, situado na Sá e Albuquerque, Jaraguá.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.

Durante aproximadamente 150 anos, os trapiches foram a marca de Jaraguá, espreitando velhas histórias contadas de pais para filhos, fora aquelas que foram para os túmulos junto com seus protagonistas. Foram muitas as noitadas de amor embaixo das pontes que ligavam os trapiches ao mar; foram muitas as poesias declamadas a céu aberto, testemunhado por aquelas construções. (VICTORIANO, 2004, p.03).

Como exemplos dos memoráveis trapiches: Phullman, Great Western (Rede ferroviária), Brasileiro Galvão, Williams, Faustino (construído por volta de 1850) Alfândega, Goulart & Cia, Trapiche Novo (construído por volta de 1896), Trapiche Segundo (construído por volta de 1896), Trapiche Jaraguá (1896), Trapiche Julius VonSohsten & Cia, Pontedo Sabão, (VICTORIANO, 2004).

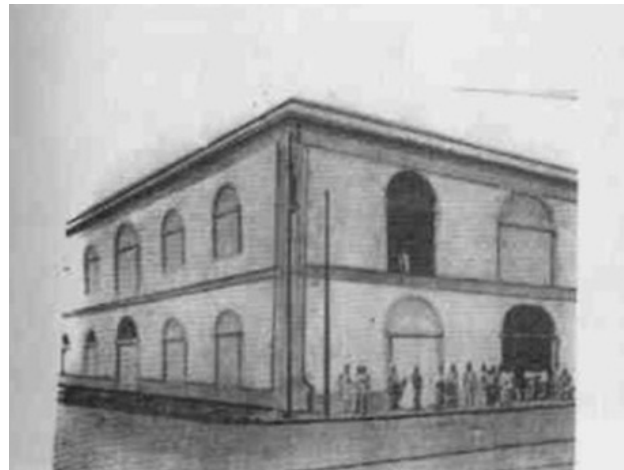
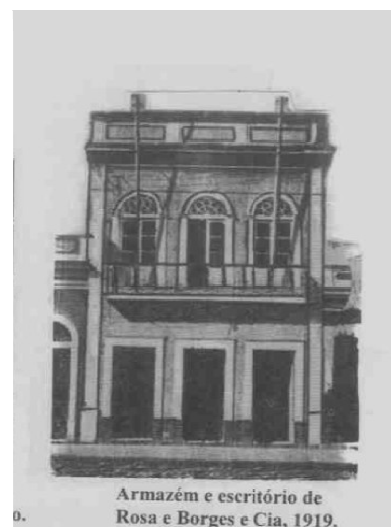


Figura 10 - Antigo Trapiche Williams, 1919, Jaraguá.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.



Armazém de PC Vilela e Cia, 1919.



Armazém e escritório de Rosa e Borges e Cia, 1919.

Figura 11 e 12 - Antigos Armazéns, Vilela e Cia e Rosa e Borges Cia, 1919, Jaraguá.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.

1.2.4 A Praça Dois Leões

A Praça Dois Leões ou Praça do Consulado, Praça da Recebedoria, Praça General Lavenere, como já foi chamada outrora, foi cenário dos passeios das famílias Maceioenses. Local de reunião e de encontros das tradicionais famílias residentes dos arredores do bairro.

As pessoas usavam suas melhores roupas para passear nesta importante praça que sofreu uma reforma no estilo francês em 1918, nessa época foram trazidos os animais em ferro fundido. Logo em frente estavam a ponte de embarque e desembarque de passageiros e o Consulado Provincial.

O tipo de jardim, a disposição simétrica das plantas, as palmeiras Imperiais, as luminárias, foram escolhidos para ressaltar o desenho francês. Verdadeiro cartão postal do velho Jaraguá, a Praça Dois Leões, assim como o bairro, mora na eternidade, (VICTORIANO, 2004).



Figura13 - Praça Dois Leões. Animais de ferro fundido adornavam a praça, 1918.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 14 e 15 - Praça Dois Leões. O desenho Francês de seus Jardins, 1918.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

1.2.5 A Estátua da Liberdade

Monumento de grande importância para a cidade de Maceió, símbolo de segurança e dos direitos do homem, foi produzida em bronze pela companhia VaillantNest, em Ville Denute em Paris, no ano de 1903. Estava inicialmente locada na Praça Dois Leões.



Figura 16 - Estátua da Liberdade de Jaraguá, ao fundo a Ponte de Embarque, e ao lado esquerdo o Largo da Recebedoria, e a direita a Ponte do Trapiche Novo, 1920.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

Na década de 50 permaneceu na Praça do Centenário, durante aproximadamente 10 anos depois na Praça Manoel Duarte, na década de 70, onde permaneceu durante aproximadamente 20 anos, (VICTORIANO, 2004).

Hoje a estátua esta localizada na Praça Dezoito do Forte de Copacabana, nos fundos do prédio do MISA, local onde permaneceu nos áureos tempos de Jaraguá, quando era logo avistada pelas embarcações que atracavam na Ponte de Embarque.

1.2.6 A Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo

A primeira igreja de Jaraguá, construída pelo Sr. José Antônio Martins, velho morador do bairro, de pedra calcária e telhas largas, vindas da Europa, foi edificada no início do século XIX em 1820, a igreja Nossa Senhora Mãe do Povo. No entanto, a Paróquia de Jaraguá só foi criada em 27 de julho de 1865.



Figura 17 - Matriz de Jaraguá, início do século XX.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

Era preciso um novo templo mais confortável e amplo, o bairro crescia de forma acelerada. Como a igreja não dispunha de amplas acomodações, em 1841, começa a luta pela construção de uma nova igreja em Jaraguá. A verba destinada à obra era pequena e a igreja passou a depender de recursos dos fiéis, que ainda eram poucos e pobres.

Durante o lento período da construção, o vigário, à noite, fazia procissão com o povo carregando pedras, essas pedras eram usadas como lastros de navios que vinham da Europa e eram jogadas nos fundos da Procuradoria (atual MISA). Assim os comandantes dos navios estrangeiros, sem querer, forneciam matéria prima à construção da Matriz de Jaraguá (VICTORIANO, 2004, p.9).

Quando estava quase concluída, a torre e parte da igreja desabaram, alarmando a população. Em 29 de abril de 1923, foi inaugurada finalmente a nova Matriz de Jaraguá, por trás da primeira, que ficava rente com atual Sindicato dos Estivadores.

Nos dias atuais, embora a maior parte dos prédios do bairro esteja em processo de deterioração, uma pequena quantidade deles tem utilidade comercial ou pública, que é o caso da Igreja Mãe do Povo. A mesma voltou a ser frequentada e é palco de suntuosas cerimônias religiosas, uma vez que foi restaurada com a ajuda da comunidade.

1.2.7 A Associação Comercial

A construção do edifício levantou inúmeras discussões a respeito de seu partido arquitetônico, que contava com três desenhos possíveis para a fachada. A polêmica em volta do imposto que seria cobrado sobre o volume exportado para a sua construção, também teria aquecido os comentários da época, afirmou Victoriano (2004).



Figura 18 - Associação Comercial
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

A Associação comercial foi fundada sobre o influxo do algodão e do açúcar, que eram o esteio da economia Alagoana, a edificação do prédio foi um marco no Nordeste. Também existiu uma dificuldade em conseguir pessoal capacitado para construir a obra. Naquela época, havia poucos engenheiros em Maceió capazes de construir um prédio de tão grande porte. Especula-se que os pedreiros teriam sido trazidos de Portugal. Entre eles o mais destacado teria sido Manuel Teixeira Medilhas, que pela sua competência acabara por conta própria se tornando construtor, (VICTORIANO, 2004).

A inauguração do prédio aconteceu no dia 16 de junho de 1928, às 14 horas, presidido pelo Governador Álvaro Paes. Ao anoitecer um baile a rigor, animado por três orquestras abrilhantou as solenidades. Representantes da sociedade em elegantes trajes compareceram a inauguração. Segundo Vitoriano (2004) o Jornal de Alagoas, descreveu sua inauguração da seguinte forma:

“As escadarias de mármore espelhavam as gambiarras das gigantescas cortinas luminosas, que caíam do frontão das altas colunas. Através de vitrais coloridos e rendilhados orientais, era um incêndio nababesco de imprevistas irradiações cambiantes. E as músicas militares tocavam no vasto hall, onde os primeiros criados ostentavam as suas fardas verdes cheias de alarmes dourados. Mas lá por cima o luxo se multiplicava em luzes tantas, em tão custosos móveis e em tamanhos adornos de alfaias e tapeçarias, que dir-se-ia o alcazar, ou o alhambra de quaisquer das grandes cidades meridionais da Península Ibérica, ao tempo da invasão mourisca: a impressão era de estarmos num imenso salão de embaixadores, onde as próprias paredes, pela suave tonalidade de reflexos, eram de porcelana a mais fina”(VICTORIANO, 2004, p.16).

1.2.8 Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA).

Prédio construído com características coloniais inaugurado em 7 de setembro de 1870 para servir de sede do Consulado Provincial. Com o passar dos anos, tornou-se a recebedoria central, com o advento da república, ganhando uma fachada neoclássica.

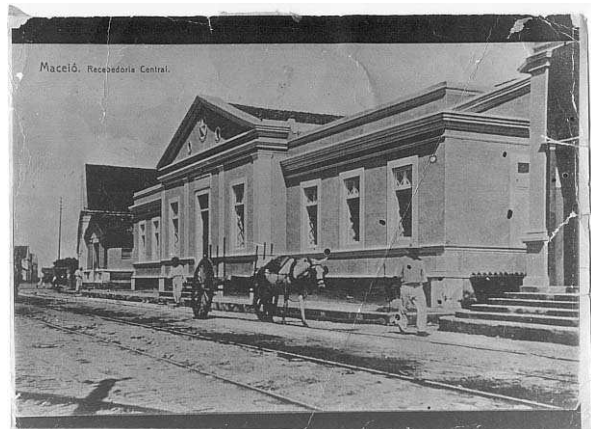


Figura 19 - Recebedoria Central.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

Quando foi acrescido de um pavimento em sua parte central, assumiu características ecléticas, em 1917.

Em 1964, a segunda delegacia auxiliar de policia passou a abrigar a parte esquerda do prédio, quando em 1964, o prédio passou por uma reforma e a delegacia então se tornou a do Segundo Distrito da Capital, (Victoriano, 2004). Essa reforma veio a descaracterizar o prédio arquitetonicamente, devido ao fechamento de antigos vãos e abertura de outros, segundo o levantamento feito pelo SERVEAL-Serviço de Engenharia do Estado Alagoas, em 1958.

Com a saída da Recebedoria Central do edifício, o prédio passa a ser depósito de documentos até 1973, quando é restaurado , passando a ser a sede da Exatoria de Jaraguá, ligado a Secretaria da Fazenda, segundo Victoriano (2004).

No início da década de 80 o prédio é cedido pelo Governo para o Museu da Imagem e do Som de Alagoas – MISA, que só foi inaugurado após reformas feitas na parte interior da edificação em 1987.

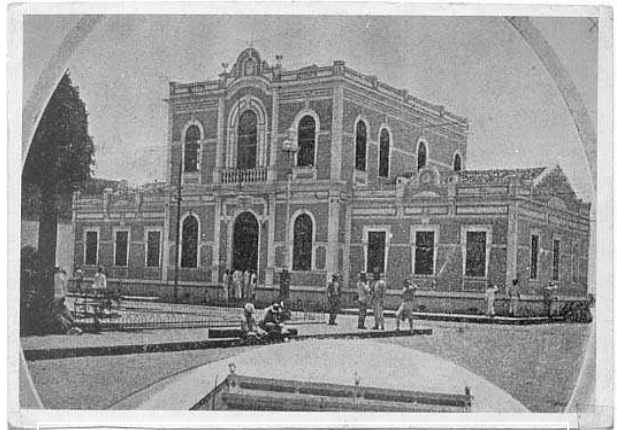


Figura 20: Antigo Prédio da Recebedoria Central, depois da reforma que lhe deu a forma de sobrado, 1920.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

1.3 Fatos, Acontecimentos, Elementos Memoráveis.

1.3.1 A Tradicional Vida Noturna de Jaraguá

Jaraguá , assim como comumente acontecia nos antigos bairros portuários, parecia ter duas vidas. De dia o comercio era vivo, ativo - bancos, escritórios e armazéns estavam sempre bastante movimentados aspirando aos negócios - e de noite o bairro era boêmio – o pavimento superior dos sobrados virava reduto de pensões e cabarés. Esta tradição das noites de Jaraguá era componente indispensável da vida de muitos dos homens maceioenses.

Diversas figuras sociais e ilustres nomes importantes da burguesia eram frequentadores assíduos e tradicionais das casas noturnas, como: políticos, fazendeiros, despachantes, marinheiros, comerciantes, telegrafistas, advogados,

médicos, professores. Na “zona” mais baixa, a promiscuidade era imensa, a marujada solta, soldados, assalariados, trapicheiros, buscavam nas noites de luar esquecer o casamento e, extravasar o sexo reprimido, assim enfatizou Victoriano (2004).

Ainda segundo o autor, a região da zona de alto meretrício era formada por “pensões” como Alhambra, São Cristóvão, Tabaris, da Dina. Todas nas proximidades da Sá e Albuquerque. Na Rocha Cavalcanti, funcionava a Duque de Caxias e o famoso “Verde”, ou a chamada zona do baixo meretrício.

Eram tempos dos cabarés, dos discos de 78 rotações, dos dançarinos de salão, dos apreciadores de cantores como Ângela Maria, Néelson Gonçalves, Anísio Silva ... Eram comuns as chamadas “doenças da vida” (doenças venéreas), (VICTORIANO, 2004, p.09).

Nas pensões, as mulheres eram selecionadas por idade, beleza, educação, a origem e a fortuna, assim classificadas como de “boa qualidade”, mostrando cerimônia e refinamento em volta de mesas e balcões, outras ficavam espalhadas nas ruas pobres de Jaraguá (Estrada nova, travessa dos queimados, Rua do Rato, Estrada do Oitizeiro, Beco do Vilela). Essa classe de mulheres recebia com tranquilidade seus fregueses, depois de um dia de trabalho no comércio, em casas de família, etc.

...As pensões do Jaraguá tinham uma distribuição de cômodos bem parecida. Ao subir a escada, logo à direita, o salão de dança com um tablado para o conjunto que tocava músicas para dançar. As janelas da varanda eram decoradas com cortinas até o chão, presas ao lado, para se ter uma melhor visão, iluminação e ventilação. Na sala, mesas e cadeiras, bem ornamentadas, com toalhas de linho, nas quais, se serviam cerveja, cachaça e uísque e sempre um bom tira-gosto. Nas mesas sem clientes, sentavam-se as meninas, mostrando a mercadoria com seus corpos e a simpatia com seus sorrisos. Um corredor à esquerda, junto à parede, servia de entrada para vários quartos em fila, local de dormida e trabalho daquelas criaturas. Em cada quarto uma bacia – não havia banheiros -. Os nomes eram os mais variados: Tabaris, Alhambra, Night and Day, São Jorge, Pensão da Dina, Ana, Duque, Verde... (CARLITO LIMA, *apud* VICTORIANO, 2004, p.09)

Abaixo um pequeno trecho de Lêdo Ivo em *Ninho de cobras* consegue retratar um dos momentos tão narrados do baixo meretrício, contados nas histórias de Jaraguá.

[...] a festa só terminou ao pintar da aurora, quando um grupo alugou automóveis e foi tomar banho no Catolé – homens e mulheres nus, de acordo com a melhor tradição alagoana, ciosa da nostalgia do paraíso terrestre.[...] a festa acabara mesmo na pensão da Dina, quase claro. Alguém gritara, de repente, [...] “Todo mundo nu!” E homens e mulheres bem comidos e bebidos tiraram as roupas e, no ambiente protegido pela presença de Piolho de Onça, que não permitia a entrada de estranhos – alegando que a pensão da Dina fora alugada, naquela noite, a um grupo seleta da sociedade alagoana, [...] O salão se esvaziava. Os galos anunciavam que o dia iniciara a sua mancha nas trevas. [...] E, nus, homens e mulheres patinhavam na água fria e envolvente, e quase verde, ou sumiam pelos matos, pagãos, entre risos e gritos. E a suruba, transformando os homens em sátiros, e o mulherio em ninfas, dava a Alagoas, naquela silvestre e matinal aurora de róseos dedos, uma dignidade mitológica. (IVO, Pág. 114).



Figura 21 - Rua da Alfândega ou Sá e Albuquerque como hoje e chamada. Local onde se situavam muitas das pensões e cabarés, 1945.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

....Involuntariamente, as prostitutas guardaram por cinqüenta anos aquele patrimônio histórico e arquitetônico dos alagoanos. Quando, em 1969, o Secretário de Segurança, Coronel Aduato, retirou as prostitutas do bairro, a especulação imobiliária, derrubou alguns belos casarões para construir prédios de horrível modernidade (Bradesco, Asplana, etc), até que alguém de bom senso, Solange Lages, conseguiu o tombamento dos velhos sobrados. (CARLITO LIMA, *apud* VICTORIANO, 2004, p.09)

As meretrizes foram guardians daquele patrimônio por volta de cinco décadas. Em 1969, segundo Carlito Lima (1998), a mando do Secretário de Segurança Coronel Aduato as referidas mulheres foram removidas para o distante bairro de Canaã, depois de um incidente que ofendera sua esposa ao passar pelas

ruas de Jaraguá, rumo ao centro da cidade para fazer compras - como as senhoras ricas que moravam em pajuçara eram obrigadas a fazer. A mulher do nobre cidadão cruzava o bairro quando viu um “vagabundo, que certamente bebera a noite inteira”, baixar as calças, “se aliviar” nas imediações, o que na época era uma agressão à moral e aos bons costumes.

Também sobre a conduta e costumes da época, Pedrosa (1998), trouxe uma história em seu livro que provavelmente muito se repetia. As pensões das meretrizes muitas vezes haviam de conviver no mesmo prédio com os escritórios, armazéns, bancos, repartições públicas, e durante o dia a atividade completamente distinta dos dois estabelecimentos dificultava o dia a dia de trabalho do andar de baixo:

Era incômoda a convivência entre os escritórios da Sá e Albuquerque e as pensões de sobrado logo em cima, com uma escada lateral em cada oitão, algumas vezes até por dentro da própria repartição do térreo. Os horários de trabalho eram diferentes, mas nem sempre as raparigas dormiam o dia todo e andavam no madeirame do teto, com sapatos de salto alto ou tamancos, causando irritação nos escriturários, contadores, diretores e no próprio presidente da firma.[...]

Não havia música durante o dia, mas volta e meia uma rapariga soltava um Vicente Celestino: “Aquela ingrata que me amava e me abandonou...” E todos tinham que suportar enquanto escreviam cartas comerciais e telegramas. [...]

É que sem desejar, depois de alguns momentos de silêncio, no enlevo do sexo vespertino, ele meteu inadvertidamente, o pé por baixo da cama, emborcando um penico com o que nele fora depositado por uns cinco fregueses da noite anterior e que ainda estava onde não devia, isto é, descansado de uma noite e um dia, impuro e fedorento. [...]

-Antônio, está chovendo aqui dentro?

-Não, Benedito, isto é mijo da pensão aí de cima! Ainda não sentiu a catinga?(PEDROSA, 1998, p. 56)

1.3.2 Os Velhos Bondes

Bons tempos os dos bondes de burros. Eles esperavam que o sujeito terminasse a barba no barbeiro ou acabasse o café no boteco (VICTORIANO, 2004, p.06).

Logo após os bondes de burro – Transporte puxado por animais ronceiros, de grande importância para o comércio que transformava o bairro de Jaraguá, pois fazia rota para o centro e Bebedouro - por volta de 1913, os bondes elétricos da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos (CATU), ganharam as ruas da cidade. Embora acredite-se que a inauguração do primeiro ramal ferroviário de Alagoas

tenha acontecido em 25 de março de 1868, quando a linha férrea e a linha de bondes faziam parte da paisagem do velho Jaraguá.

Na GreatWestern, chegavam três composições de dez vagões de açúcar por noite e um ou mais trens com carga avulsa do interior, apitando invariavelmente na ponte do salgadinho, na curva do Atayde e nas proximidades, ao romper a marcha nos sinais, com os silvos estridentes dos manobreiros respondidos pelos maquinistas em curtas apitadas de vapor, sons de aviso e de advertência, que sempre eram seguidos pelas batidas metálicas de um vagão no outro, pelos seus engates folgados e o “assopro da locomotiva ao romper a inércia que era percebida pelo chiar das rodas deslizando nos trilhos úmidos ou ensebados de melaço e gordura de charque...” (VICTORIANO, 2004, p.10).

Para Dantas, Tenório e Menezes (2011), o ciclo ferroviário chegou com os ramais da The Alagoas Brazilian Central Railway Company, utilizando um belo prédio na “boca de Maceió”, onde ainda permanece como testemunha da idade de ouro das estradas de ferro que rasgavam os vales mais férteis da Província. As grandes casas importadoras e exportadoras como, Borstelman. John H. Howell, Silva Leão, J Rippel, Liber Mitchel, Robert John Pacey e P. Frank South estabeleceram-se em Jaraguá, nas redondezas do Porto da região. Surgem também associações como a Caixa Comercial da Cidade de Maceió e a Caixa Econômica.

A Companhia União Mercantil, fundada por José Antônio de Mendonça, o barão de Jaraguá, inicia a indústria têxtil em Alagoas e aponta a emergência de novos atores na economia (DANTAS, TENÓRIO E MENEZES, 2011, p.62).

Anos depois, em 1931, a “Trilhos Urbanos” passou às mãos da American Anfordand Foreing Power Co, do Canadá - CFLNB - Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil que, explorava eletricidade, telefones e transportes urbanos em quase todo o nordeste, conta Victoriano (2004).



Figura 22 - Estação de Jaraguá.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 23 - Jaraguá antigo, continuação dos trilhos da Rua Buarque de Macêdo e Avenida Maceió, década de 50.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.



Figura 24 - Calçamento da Rua da Alfândega, Jaraguá.
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.



Figura 25 - Avenida da Paz, bonde sobre trilhos.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

Os primeiros bondes foram montados e pintados na Serraria Modelo, no início do século XX, (atual Armazém SEBRAE). Uma das primeiras linhas que se pode lembrar foi a Ponta da Terra/Centro, passando por Jaraguá, que logo depois se estendeu até Bebedouro. Mais adiante surgiram a “Jacutinguense” que subia o Farol e a “Promotora” ia até a levada e ao Trapiche. Algum tempo depois, surgiram com

força total os ônibus, o que tirou de forma avassaladora os bondes de circulação, em meados do século XX. Sabe-se que um Vereador, Paulo Pedrosa, teria se empenhado numa forte campanha para evitar este fim. Em *Crônicas e Depoimentos*, Floriano Ivo, apud Victoriano (2004), recordou:

Veremos o bonde das doze com a estudantada do Lyceu, do São José e do Diocesano, turminhas de mancebos, geralmente no reboque, grupinhos de lindas mocinhas - hoje elegantes senhoras da sociedade – ali na frente, bancos uns virados para os outros, falando como periquitos irrequietos, mudando de lugar, levantando umas, sentando-se outras o tempo todo em cochichos e sorrisos, flertando mais do que a namorar (VICTORIANO, 2004, p.06).



Figura 26 - Avenida da Paz, bonde passando em frente à Mansão dos Machado, como era chamado o Museu Theo Brandão.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 2013.

1.3.3 A Insalubridade e as Enchentes

Nem sempre as águas de Maceió foram um fator positivo para a imagem da cidade, principalmente para a população que vivia as margens das lagoas, onde o esgoto a céu aberto, falta de saneamento eram pontos comuns do dia a dia das pessoas, o que acarretava em diversos tipos de males nocivos a saúde da população.

Supostamente, devido à escassez de saneamento básico na cidade, também se pode atribuir algumas das enchentes que se sabe terem acontecido no bairro de Jaraguá nesse período.



Figura 27 - Enchente 1924, Praça dois Leões.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 28 - Enchente Estrada Nova, Jaraguá.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 29 - Enchente Estrada Nova, Jaraguá.
Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

Somente a Levada podia competir com Jaraguá em urubus pelos ares e pousadas em esgotos quintais, estacas, muros, areias da praia, telhados e até calçados (p.122) [...] E as águas desobedecem a seus limites naturais de contenção na praia e escoam o seco, passam pelos rios laterais de Jaraguá e vão colidir nos prédios da Sá e Albuquerque para inundar armazéns e porões, arrastar pelo chão pessoas e animais, entortar postes de luz, derrubar muros e paredes, inundar os porões da Associação Comercial.”(PEDROSA, 1998, p.118)

Ainda seguindo as palavras de Pedrosa (1998), não era difícil, nos dias de muita chuva, o Salgadinho, riacho que corta o bairro do Poço e Jaraguá, trazer para a Enseada toneladas de distritos que ficavam flutuando durante muitos dias, finalmente afundando para se decomporem durante duzentos anos, no local onde antes os peixes desovavam.

2. O INSTRUMENTAL METODOLÓGICO.

2.1 A Escolha da Metodologia e da Amostra.

Tomou-se como base metodológica para buscar os objetivos dessa pesquisa dois instrumentos que tiveram como aporte principal entrevistas e análise de imagens, fornecidas pela pesquisadora.

O uso desse instrumental foi uma ferramenta base para a prática desta pesquisa empírica, que neste caso corresponde ao conhecimento das memórias e lembranças de pessoas idosas que têm uma relação com o bairro de Jaraguá e possam contribuir para a objetivação do estudo. Para tal, a prática desta metodologia tomou como princípio de análise a dimensão e o significado das memórias dos idosos no entendimento das mudanças sociais, históricas e espaciais de Jaraguá, e se essas mudanças se relacionariam com a evasão residencial do bairro nas últimas décadas.

O referido instrumental consiste em perguntas abertas, onde os entrevistados dispunham de liberdade para traçar avaliações e respostas sem limitações e sem parâmetros previamente estabelecidos pela pesquisadora.

Desta forma, para este tipo de pesquisa é preciso contar com possíveis variáveis, contando com o universo de diversidades de lembranças e histórias que podem ser expostas nas entrevistas. Por isso é prudente traçar previamente um modelo de suporte que direcione uma forma eficaz de *Como* e *Quais* perguntas fazer, para que sejam obtidas respostas que se enquadrem satisfatoriamente nos resultados da pesquisa.

A pesquisa primeiramente avaliou o que de fato procurava e tomou a resposta como foco ou referência para as entrevistas, para que os objetivos estivessem claros, de forma que os procedimentos se completassem na medida em

que fossem aplicados, desta maneira o trabalho também tornou-se mais fácil para a compreensão do próprio entrevistado.

Foram convidados a participar do trabalho vinte idosos que, em geral, foram abordados nas portas de suas residências ou sob alguma forma de indicação ou conhecimento anterior da pesquisa. O motivo pelo qual foi escolhido o número vinte para classificar a quantidade de pessoas entrevistadas foi devido a uma experiência da autora, que precedeu o início da pesquisa. Meses antes do trabalho ter início percorreu-se o bairro em busca conhecer a própria percepção sobre a situação do local. Durante esta e outras experiências, que aconteceram em seguida, foram feitas tentativas de conversar com as pessoas idosas residentes, em busca de explorar melhor as possibilidades oferecidas pela metodologia, que já se pretendia aplicar na pesquisa. Percebeu-se então a dificuldade em ter acesso a esses moradores, que por vezes estavam dormindo durante o dia, não tinham disposição naquele momento para conversar (pediam que voltasse numa outra hora), seus cuidadores ou parentes não permitiam que recebessem visitas, ou até mesmo alegavam que os idosos não teriam nada a falar, pois já não estariam lúcidos.

Diante desta dificuldade durante algumas visitas feitas pelo bairro percebeu-se um pequeno número de dez idosos, que ainda moravam no bairro, disponíveis para participar da amostra. A idéia da pesquisa também era entrevistar pessoas que tivessem relação com o bairro embora não morassem mais lá, ou nunca tivessem morado antes, mas trabalhado ou frequentado o local por outro motivo do passado. Já esses últimos estavam em um número de apenas quatro pessoas conhecidos anteriormente pela pesquisa. Desta forma, sabendo da dificuldade em encontrar pessoas que pudessem contribuir com o trabalho, contou-se com a possibilidade de conseguir algumas pessoas mais ao longo do processo, e com isso contar com pelo menos vinte contribuintes.

Os idosos que participaram da pesquisa tinham no mínimo sessenta anos, quando são considerados oficialmente idosos pelo IBGE. Considerando que poucas pessoas entrevistadas tinham mais de oitenta anos, os entrevistados em geral estavam nessa faixa de sessenta a oitenta anos, o que nos possibilitou alcançar as memórias de setenta anos atrás em média.

Não foram considerados os idosos que residissem há pouco tempo no bairro ou não tivessem uma relação próxima com a área, ou aqueles que estivessem impossibilitados por alguma doença limitativa da memória.

Como enfoque espacial da pesquisa realizou-se uma delimitação de perímetro a ser estudado onde se observou ter um maior número de residências, o que aumentaria as chances de encontrar pessoas que pudessem participar da pesquisa. Apenas com exceção das duas principais ruas do bairro, no sentido de que são as mais conhecidas pela população da cidade, a Rua Sá e Albuquerque e Barão de Jaraguá, também foram incluídas nessa seleção, embora não possuam nos dias de hoje características residências, mas sim comerciais. A Sá e Albuquerque e Barão de Jaraguá são o retrato da história de Jaraguá. Todos que vivenciaram o bairro no passado citam pelo menos uma dessas ruas em seu discurso. Desta forma esse trajeto não poderia deixar de ser percorrido pela pesquisa, não podendo esquecer que os comerciantes do local também poderiam ter uma experiência antiga com bairro e assim contribuir com o trabalho.

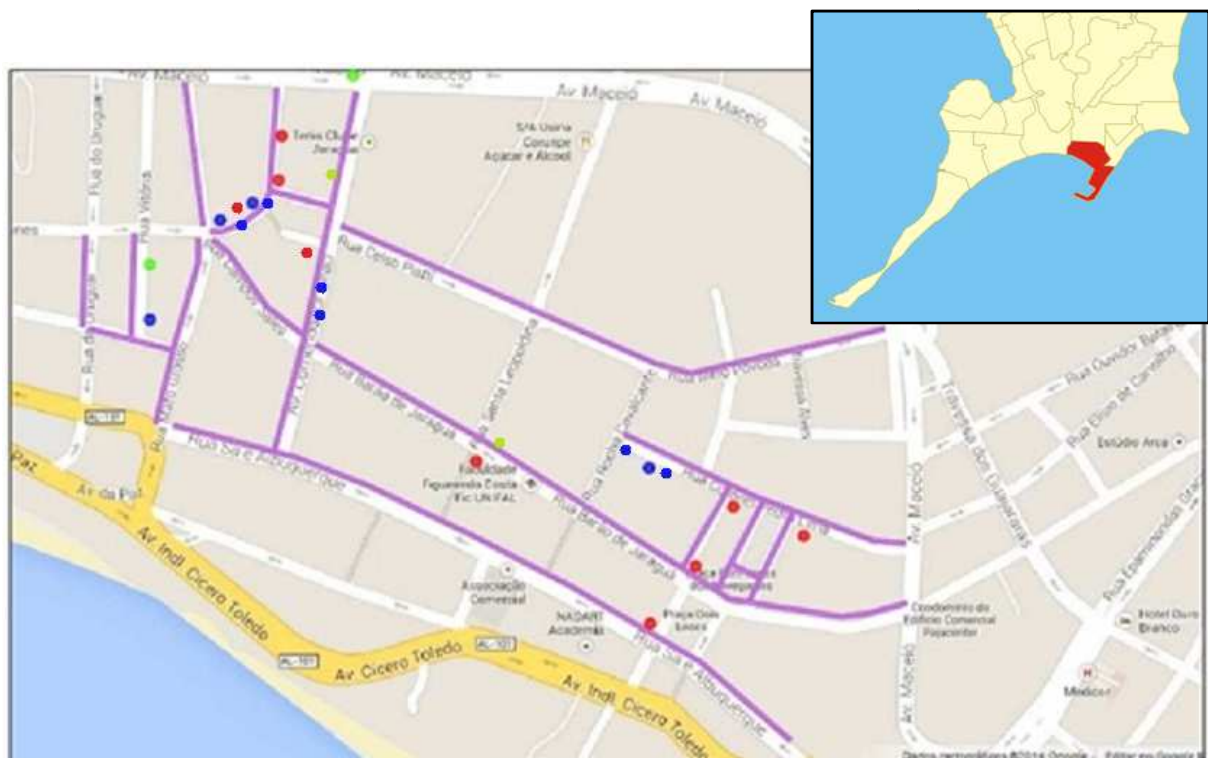


Figura 30 - Mapeamento dos Locais onde foram realizadas as entrevistas no bairro de Jaraguá, 2014. Acima uma locação de Jaraguá entre os bairros vizinhos: Centro, Poço e Pajuçara, respectivamente iniciando do seu lado esquerdo.

Fonte: Imagem base disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-9.6709806,-35.7199587,16z>, utilizada para demonstrar o perímetro percorrido.

Legenda:

- Entrevistas realizadas com moradores do bairro;
- Local em que morou ou conviveu, no passado, a pessoa entrevistada;
- Tentativa sem sucesso de realizar entrevista.
- Área de estudo percorrida pela autora.

2.2 A Escolha da Amostra.

O motivo mais forte da escolha da amostra é de experiência pessoal. Meu pai saiu muito cedo de casa, por volta dos dezessete anos, a procura de trabalho e melhor qualidade de vida para sua família. Talvez por esse motivo ele tenha decidido voltar a morar em Maceió quando eu e meus irmãos éramos pequenos, pretendendo estreitar os laços com a família e não permitir que nos distanciássemos desta convivência. Minha família era composta por muitas pessoas idosas, entre tios, tios-avós, avós, e bisavós.

Tivemos uma educação em que deveríamos ao menos duas vezes na semana conviver com as pessoas idosas da família. Grande parte de meus tios - avós moravam na região da Praça Afrânio Jorge (Praça da Faculdade), onde íamos regularmente visitá-los, conversar e ouvir suas histórias, mesmo que não fosse de nossa vontade naquele momento. Devíamos cumprimentá-los, beijá-los, respeitá-los e dar-lhes a atenção que mereciam, sendo as pessoas mais importantes da família, aquelas que podiam nos contar as histórias de nossos antepassados.

Meu irmão Renato, por ser o mais velho morando em Maceió naquele momento, tinha a obrigação de todos os dias no início da tarde ir à casa de uma de nossas tias- avós tirá-la da cadeira de rodas e deixá-la no banheiro para que sua secretaria pudesse dar-lhe banho, e em seguida ele tinha que colocá-la de volta na cadeira de rodas.

Com o passar dos anos “nossos velhos” foram morrendo, e nossos encontros, comemorações e festas, de aniversário, páscoa, natal e ano novo foram se tornando cada vez mais vazios, até a chegada das próximas gerações, mas nos deixaram muitas saudades e ensinamentos que jamais esqueceremos, nossas raízes. É por este motivo que esta pesquisa pretende buscar nas memórias das pessoas histórias e lembranças que serão fundamentais para a construção do passado de Jaraguá através daqueles que são detentores das raízes da história de uma época.

2.3 A História Oral, os Processos Perceptivos e a Ancoragem.

2.3.1 A História Oral

Nos dias de hoje tem se tornado um aspecto do interesse dos pesquisadores revisitar o passado através das narrativas, isto é, a história oral se constituiu como fonte de informação com reconhecimento histórico neste século XX, e intensificou-se como um interessante veículo de pesquisa, e no estudos de fenômenos sociais e na compreensão de manifestações de comportamentos, quando anteriormente só a escrita e os códigos impressos eram considerados fontes de pesquisa, Walter Benjamin (apud COSTA; MAGALHÃS, 2004). Dessa forma entende-se que a história oral nos possibilita a significação e ressignificação da memória do narrador nos munindo de outras interpretações da história, revisitando fatos “esquecidos” reveladores.

Para Halbwachs (apud TARGINO, 2008) a História Oral seria uma metodologia interdisciplinar de pesquisa basicamente apoiada na memória. Ainda segundo Halbwachs a memória seria uma reconstrução do passado através dos acontecimentos sociais vividos no presente, de modo que o entrevistado evoca suas lembranças a sua maneira de acordo com suas experiências e vivências.

Esse método também tem se apresentado de grande valia, sobretudo no que tange algumas lacunas encontradas nos documentos escritos, ou para registrar o que ainda não se cristalizou nesses documentos. Sobre as considerações feitas por Freire e Pereira (2002), os relatos orais, por sua riqueza de detalhes, tornam-se relevantes em áreas em que uma pesquisa pode encontrar-se estagnada. O documento oral representa grande potencial para a revisão de interpretações e a formulação de novas teorias, na medida em que é capaz de fazer emergir novas questões e novos campos de investigação. E ainda, dentro desta abordagem Freire e Pereira dão a história oral uma outra grandeza que ainda não havia sido discutida nesta pesquisa:

O uso da voz humana na apresentação da história oral, seja em conferências, exposições, ou museus, tem o poder de trazer o passado para o presente com força sem igual, imprimindo vida a própria história (FREIRE, PEREIRA, 2002, p.124)

A memória dos idosos entrevistados nesta pesquisa será conhecida através da história oral, de acordo com sua interpretação e percepção num processo de reconstrução do momento vivido, usando suas histórias e lembranças, o que pode ser encarado como de grande relevância para este trabalho de pesquisa. Contudo, é

preciso estar ciente sobre a vulnerabilidade da veracidade dos fatos narrados, pois em sua maioria são expressões de pontos de vista e sentimentos particulares sobre o objeto de estudo.

Outro grande mérito da história oral é poder dar conta, como nenhuma outra metodologia, da complexidade da realidade, permitindo que seja recriada a multiplicidade original de pontos de vista. [...] Ao gerar novas histórias e novas interpretações, ela está contribuindo para o processo de dar voz a experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos ou marginalizados de narrativas históricas anteriores, ou seja, os esquecidos de sempre (FREIRE, PEREIRA, 2002, p.124)

Para Freire e Pereira (2002), com base na afirmação anterior, esse aspecto, muitas vezes incerto, da história oral funciona como ponto positivo para o método, por abordar os fatos históricos relatados sem perder-se em sua complexidade

Ainda segundo as autoras, a história oral presta-se, diferente de outras metodologias, a ser usada com propósitos sociais e individuais. Aos menos privilegiados, e muito especialmente aos idosos, pode trazer a dignidade e a auto-estima, e dar um novo sentido as suas vidas, qual seja o de transmitir as novas gerações informações valiosas sobre o passado que de outra forma se perderiam.

A partir deste aspecto positivo da história oral, analisado pelas autoras, esta pesquisa pôde vivenciar através de algumas das entrevistas realizadas, o envolvimento dos participantes, que demonstravam claramente a importância daquele momento não apenas por participar da investigação sobre o passado de Jaraguá como também por ter alguém com quem dividir aquelas memórias que envolviam suas lembranças pessoais, mas nem por isso interessavam nem mesmo as pessoas de suas famílias.

O relato oral restitui o passado a partir do presente, o que quer dizer que todas as lembranças e memórias pertencem ao passado e ao presente, mas se modificam somente devido ao presente.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p.201).

A memória é um elemento constitutivo da identidade, tanto coletiva quanto individual, e elemento importante para o reconhecimento e a valorização de indivíduos ou grupos, agindo para reforçar sua auto-estima, Freire e Pereira (2002).

A memória coletiva é a base para a construção da identidade coletiva e da cidadania [...] A história oral permite apreender como a memória de um grupo se constitui e se transmite, como ela ajuda a reforçar a sua identidade e a assegurar sua permanência para além da esfera da vida de seus membros individuais. Abre, assim, inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de projetos para o estudo da memória coletiva e de sua relação com as lembranças individuais, em grupos e comunidades (FREIRE, PEREIRA, 2002, p.126)

Se tratando da memória como base da identidade coletiva, numa pesquisa piloto realizada inicialmente em Jaraguá, pôde-se perceber a forma negativa que os moradores descreveram o bairro na situação dos dias de hoje².

Ainda sobre Freire e Pereira (2002), as autoras observaram que projetos que tratam de lembranças e memórias de pessoas isoladamente e grupos podem causar embaraços e sofrimentos, mas seus efeitos positivos são inequívocos, por ajudar a reconhecer e a valorizar suas experiências silenciadas, ou na reconciliação com aspectos difíceis do passado.

Para alguns, esse processo pode representar um grande desafio, mas pode também servir para elevar-lhes a autoconfiança, a medida que relatam experiências antes silenciosas, fazendo com que suas histórias sejam compartilhadas e ouvidas (FREIRE, PEREIRA, 2002, p.126)

² “Antigamente, antes de Jaraguá virar zona, tinha muito comércio aqui sim, mas não é como hoje, porque antes quase todo mundo morava no andar de cima da loja, e tinha muito comércio de utilidade de família mesmo, aviamento, venda, essas coisas...” indagou Sr. Leandro, um dos entrevistados. Os moradores contam que restaram poucas residências, mas que houve uma época em que essas eram muitas. Os vizinhos todos se conheciam e as pessoas se sentiam seguras ao ficar conversando em grupos nas portas de suas casas. Hoje, elas se sentem a mercê da criminalidade e do pouco policiamento que a área recebe, e vivem trancadas em suas casas. Algumas dessas pessoas residem nas ruas que se tornaram vias principais de acesso do bairro, o que gerou mais uma insatisfação dos moradores. Segundo dois entrevistados moradores da Rua Cristovão Colombo, antiga Rua da Concórdia, por ter se tornado um via de tráfego muito intenso, depois das modificações de trânsito feitas em Jaraguá, a rua hoje está tomada por um movimento contínuo de carros e ônibus, que lhes causa muito incômodo.

A narrativa oral torna-se então uma memória presente, que se concretiza no momento em que é contada. Desse modo, a memória oral é um acontecimento narrativo, um processo contínuo de construir memórias sempre presentes, porque são espontâneas e constitutivas da própria atividade de contar histórias.

Momentos e lembranças importantes da vida de alguém podem ser revelados nas antigas histórias e narrações, que ao serem lembrados podem desencadear grandes emoções. Narrar histórias é a arte de continuá-las contando para que a escassez de ouvintes não as faça perderem-se no tempo, (BENJAMIN, 1994).

Segundo as palavras de Walter Benjamin (1994) quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada, isto é, quem esquece de si mesmo não consegue buscar-se nas próprias lembranças.

Em *Infância em Berlim por volta de 1900*, Benjamim deixa sua infância por escrito como herança para seu filho, e enriquece o valor das memórias, transmitindo um patrimônio, um elo de continuidade de geração para geração.

A memória não aparece apenas como um raio voltado para o passado é preciso imaginá-la como uma relação dinâmica entre o passado e o presente. A memória é um elemento muito enraizado no presente.

Infância em Berlim por volta de 1900 foi escrito por um homem retratando suas memórias de infância, fazendo uma analogia entre passado e presente, onde a interpretação de uma época vivida por alguém em sua infância é feita por ele mesmo, mas já adulto. As lembranças do livro são trazidas para o presente de forma poética e com a fantasia que só existe num mundo infantil, com uma expressão peculiar e maestral. Benjamim (1994), com riqueza de detalhes narra momentos simples e cotidianos, de uma infância, de forma esplendorosa trazendo ao livro a fantasia de ser criança.

O mergulho da criança no mundo de contos de fadas não é sentimental ou vago, mas a visão do mundo mágico desemboca numa percepção muito precisa do cotidiano, quer dizer, a criança tem essa propriedade de entrar no jogo e sair dele com perfeita naturalidade (BOLLE, 1984, p.04).

O livro, então, é o relato de um pai dedicado a seu filho, e ao escrevê-lo se transforma em criança. O patrimônio que ele transmite é sua própria infância mergulhada em memórias. A narrativa pode ser uma ferramenta essencial para o

resgate de lembranças e conseqüentemente o registro das memórias. Nesta obra citada, as memórias registradas foram o legado de um pai para filho.

Desta forma, entendendo a importância das memórias compartilhadas pelas gerações, como fez Benjamin (1994) com seu filho, e das lembranças de cada indivíduo sobre o seu passado torna-se mais clara a relevância sobre buscar as lembranças dos idosos sobre a sua vivência no bairro de Jaraguá, através da história oral, para melhor entender as mudanças socioespaciais acontecidas no bairro.

Com base nesta metodologia, a pesquisa empírica se desenvolverá fazendo uso das perguntas abertas do formulário para a entrevista em anexo, esperando-se que através da eficácia do procedimento seja possível encontrar respostas satisfatórias para o sucesso da investigação.

De forma sucinta a entrevista buscará explorar questões que abordam sobre:

Informações pessoais e localização	<ul style="list-style-type: none"> • Informações pessoais básicas como: nome, endereço, idade, nível de escolaridade e estado civil; • Será feito um registro sobre o local exato que a entrevista está acontecendo;
------------------------------------	--

Informações sobre a relação do entrevistado com o bairro.	<ul style="list-style-type: none"> • O formulário tem como um dos objetivos saber qual a relação do entrevistado com o bairro; • Se o entrevistado morou no bairro, qual motivo teria lhe levado a deixar o bairro; • Caso o entrevistado não resida mais no local será de interesse do trabalho saber se ele voltaria a morar em Jaraguá e por quê; • A pesquisa tem como finalidade saber sobre lembranças, sensações e memórias afetivas, que o morador possa ter sobre Jaraguá;
---	---

Informações sobre aspectos sócio-espaciais.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a opinião do entrevistado sobre o bairro no ponto de vista de moradia e segurança nos dias atuais; • O que o entrevistado pensa sobre a revitalização que aconteceu em Jaraguá; • O que o entrevistado diria sobre as mudanças sócio-espaciais notadas no bairro ao longo dos anos; • A pesquisa pretende saber através do formulário sobre o que o entrevistado julga poder ajudar a devolver vida social ao bairro e o que poderia trazer novamente as pessoas a residirem nele.
---	--

Figura 31 - Descrição explicativa do formulário, em blocos.

Fonte:Arquivo da autora.

As perguntas abertas serão essenciais para que os entrevistados possam fazer uma busca em suas memórias de forma livre, e através das suas percepções contribuïrem para as entrevistas.

Tomando-se como referência a relação de afetividade proposta entre o ambiente vivido e as suas lembranças, a intenção em entrevistar os usuários do bairro, é mergulhar em seus relatos e de lá fazer emergir lembranças capazes de retomar os vínculos com a história do bairro, e suas mudanças sócio espaciais acontecidas ao longo do tempo.

2.3.2 O Processo Perceptivo

As sensações e percepções das pessoas que moram ou que tiveram uma relação de proximidade ao longo da vida com o bairro de Jaraguá são ferramentas do percebido dos indivíduos que podem formar o que chamamos de sentimento de pertencimento das pessoas para com o bairro, uma vez que grande parte dos entrevistados tem uma relação de grande intimidade com a área devido às lembranças de toda uma vida, momentos em que dividiram alegrias e tristezas, onde muitas vezes passaram a infância ou juventude. Como Merleau-Ponty sublinhou, a sensação é a forma que somos afetados, e conseguimos entender a experiência de um estado de nós mesmos (2006).

Perceber a importância do passado e das lembranças de nossas vivências pode ser uma experiência muito enriquecedora quando tratamos dessa questão sobre a importância das memórias dos idosos, para com a revalorização do patrimônio histórico do bairro de Jaraguá, e a busca em descobrir de que forma as mudanças espaciais e sociais acontecidas no bairro contribuíram para a evasão residencial que sofreu nas últimas décadas.

A percepção dos idosos, que ainda moram no bairro, parece de grande relevância na tarefa de identificar quais foram essas mudanças e de que forma elas aconteceram. Dentro desse mesmo contexto sobre a percepção dos seres humanos Merleau-Ponty afirmou que o percebido é resultado de estímulos, experiências, vivências e impressões, e não somente de sensações. Ao evocar experiências do passado e relacioná-las com o presente o percebido ganha significado, mas não se pode dizer que é preciso recordar para perceber, segundo Merleau-Ponty(2006).

O significado dado ao percebido através desse estímulo, que é o lembrar, para o idoso, é de grande valia, pois as pessoas de idade têm seu passado como uma vivificação do presente, então o passado é resgatado através das memórias. Para ter uma percepção, usamos os estímulos, experiências, vivências e impressões. Ao perceber, também, fazemos uma associação do presente com o passado, embora que, repetindo a indagação de Merleau-Ponty (2006), não necessariamente é preciso recordar para perceber.

As sensações são importantes para o processo de lembrar e recordar, diante das sensações é que construímos uma ideia de como a percepção de um fato ou de um momento nos parece. Ainda parafraseando o referido autor, ao conceituar com maestria o que parecia ser “inconceituável”, a sensação seria a forma pela qual somos afetados e a experiência de um estado de nós mesmos. A sensação acontece na medida em que coincide com os sentidos, em que deixam de estar situados no mundo objetivo (Merleau-Ponty, 2006).

O autor faz um questionamento sobre a construção da percepção, pois para ele, são precisas as impressões neste processo, mas somente elas não são suficientes. Cometemos o erro de querer perceber somente através das impressões e também de apreender uma sensação apenas pelo campo visual, pois o percebido

comporta lacunas ou impercepções. A sensação pura é aquela primeira, de choque e espontânea. É um dado perceptivo isolado, uma impressão.

Em seu clássico sobre a “Fenomenologia da Percepção”, (2006), também existe uma explanação sobre o juízo ser fator condicionante para que a sensação possa se tornar percepção, de acordo com seu conceito intelectualista, trazendo uma crítica acerca de correntes antagônicas e consideradas insuficientes para ele. Na tese empirística, seria anular a dispersão possível da sensação. Contudo, mesmo fazendo essa consideração o autor afirma que o juízo é essencial mas não necessariamente julgar é perceber. O julgamento depende, além da percepção, da interpretação do sujeito. E, portanto, perceber não é julgar, “é apreender um sentido imanente ao sensível, antes de qualquer juízo”(Merleau-Ponty, 2006).

Toda essa apreensão de sensações e interpretações das histórias dos idosos serão percebidas através das entrevistas que serão realizadas utilizando dois métodos: a ancoragem através da associação de imagens entre o passado e o presente, e a história oral através. Essa primeira ferramenta de estudo, que será explanada em seguida, viabilizará a busca dos resultados almejados no final da pesquisa de forma complementar.

2.3.3 O Processo de Ancoragem

A busca da reconstrução do passado, através da memória dos idosos, de Jaraguá impulsionou o desenvolvimento de um instrumental metodológico em que essa pesquisa se subsidiará, baseando-se na abstração do sentido do mundo e a introdução nele de ordens e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa, o que para Moscovici (2009) pode ser entendido através de questões sócioambientais (representação=significação, ou vice versa), fenômeno compreendido através da representação social.

Moscovici (2009) explicou com bastante propriedade que a representação social não pode ser considerada como um conceito puro e simples, ou estático, e sim bastante dinâmico, por isso sofre mutações. Como significação da representação social a imagem é de grande importância e é através dela conseguimos dar significado ao que vemos, pois normalmente nos afastamos daquilo que não nos é familiar.

Nesta busca sobre a relação que os idosos fazem entre passado e presente e de como isso nos ajudaria a formar uma idéia do que poderia ser considerado agente facilitador da ressocialização do bairro de Jaraguá, será utilizado o processo de “Ancoragem”, na associação de imagens antigas e atuais, numa busca de trazer o que for familiar de um passado a ser associado com a situação presente. Para Serge Moscovici (2009), autor Romeno naturalizado Francês, referência na psicologia e representação social, a ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.

É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

O bote perdido citado acima poderia ser entendido como algo do nosso desconhecido que transformamos em algo familiar, se relacionarmos com algo comum ao nosso entendimento. Moscovi explica com maior consistência:

No momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria ira se relacionar também com o objeto ou com a idéia. [...] Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade de nossa avaliação, nós nos fixamos nessa transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre desconhecido e conhecido (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Então ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa, a idéia de tornar o desconhecido familiar, trazer a um lugar seguro, quando associamos algo estranho ao que já conhecemos em nossa memória. Para Moscovici (2009), pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo de representá-lo. De fato representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Entretanto classificar e nomear não são, simplesmente, meios de graduar e de rotular pessoas, objetos, ideias ou lembranças considerados como entidades discretas. Segundo Moscovici (2009) seu objetivo principal é facilitar a

interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes as ações das pessoas, formar opiniões.

Neste sentido, imaginou-se que o confronto entre o passado e o presente através de imagens, buscando o processo de ancoragem como apoio para entender de que forma aconteceram as mudanças espaciais, sociais e históricas do bairro em questão, e se elas poderiam ser úteis para o sucesso dos objetivos dessa pesquisa, poderia ser uma alternativa bastante eficaz.

Para isto foram utilizadas imagens antigas do bairro de Jaraguá, em associação com a imagem atual do local correspondente e fiel ao ângulo da imagem anterior, para que o idoso analisasse e refletisse sobre as mudanças que ele pode identificar entre passado e futuro. Desta forma esperou-se que o entrevistado buscasse em seu inconsciente as lembranças e memórias sobre aquele lugar representado na imagem, e fizesse uma associação direta com o presente, o que poderia vir a contribuir para a formação das respostas que esta pesquisa vem buscando.

Foram mostrados dois cartões por vez, de tamanhos iguais, de dimensões 12cm x 16 cm, contendo as imagens: antiga e atual, respectivamente, de um determinado ângulo do bairro de Jaraguá. As imagens representam lugares, pontos ou prédios do bairro, sendo exatamente iguais, estando uma no passado e a outra no presente, considerados importantes para sua história, de acordo com as primeiras pesquisas já realizadas. De forma espontânea e livre o entrevistado pôde exprimir suas percepções sobre a existência ou não de mudanças, fazendo uma ancoragem com suas lembranças e memórias resgatadas ao analisar as imagens.

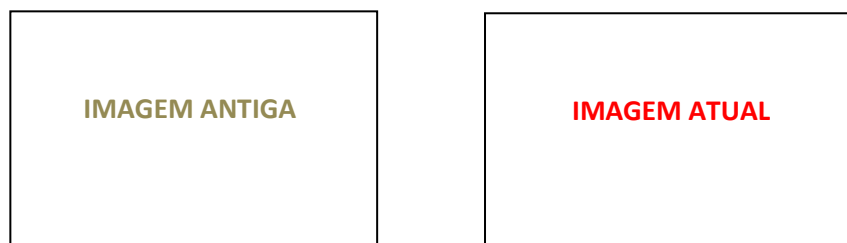


Figura 32 - Ilustração da forma dos cartões utilizados na pesquisa.

Fonte:Arquivo da autora.

3 REVISITANDO CONCEITOS E VALORES: O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E A REVALORIZAÇÃO DO BAIRRO.

3.1 Sob a Ótica dos Idosos.

Partindo-se do pressuposto que a fala dos antigos moradores do bairro de Jaraguá é de grande importância social e histórica para a região, no que se refere à preservação do seu patrimônio material e imaterial, como contribuição para este estudo, será feita uma busca de suas memórias na tentativa de compreender de que forma aconteceram as mudanças espaciais, sociais e históricas do bairro. Através do entendimento de como e por que aconteceram essas mudanças, as lembranças do passado junto à percepção dos idosos, que têm uma história com o bairro, ainda serão de fundamental importância para essa pesquisa como ferramenta para que se possa tentar descobrir como seria possível trazer o bairro de volta à dinâmica social da cidade, estabelecendo uma situação favorável aos interesses históricos, econômicos e sociais da cidade.

A percepção desses idosos, e de como se dá a sua interação com o mundo atual, são aspectos que têm muito a contribuir para uma análise sobre como um bairro histórico poderia se reintegrar no cotidiano atual. Entretanto a fala dessas pessoas não é valorizada enquanto indicadores importantes para a preservação do patrimônio histórico do bairro, bem como seus exemplos de vida e valores por vezes essenciais para a formação do ser humano como cidadão.

O resgate das situações e dos momentos vividos fortalece o indivíduo não somente no ponto de vista social como também cultural. Pelo que se pôde observar na pesquisa piloto, os idosos que vivenciaram o bairro de Jaraguá podem oferecer muito sobre a história e memória da região, numa representação real desta área tão abandonada da cidade. Como por exemplo, de acordo grande parte dos testemunhos, Jaraguá atravessou uma época onde as famílias ali não frequentavam nem residiam devido ao status promíscuo que o bairro sustentava. “Durante muito tempo o bairro era uma verdadeira bagunça, as ruas eram tomadas por homens de todo tipo, muitos eram marinheiros, muita música e mulheres”, lembrou senhor Cleidson, morador da Rua Cristovão Colombo.

Através da premissa acima aludida, que se desencadeou o interesse em trabalhar com idosos, entendendo que a pesquisa trataria de uma leitura consistente por trazer suas experiências vividas como fonte de enriquecimento das relações

contemporâneas, e também na condição de servir como orientação base para o desenvolvimento deste estudo com o aporte metodológico da história oral, método que se pretende aplicar em busca das correntes do passado, no qual acredita-se constituir uma ferramenta capaz de incentivar a transmissão de valores através dos sentimentos, vivências e visões que o indivíduo percebe do mundo.

Ainda nesse contexto Costa e Magalhães (2004) afirmam que as pessoas mais velhas são as promotoras da narrativa das memórias e lembranças. Nos momentos de contar histórias é que narrador e ouvinte compartilham memórias, as quais permitem configurar-se como lembrança presente, contribuindo para manter acesa a oralidade.

Bosi (1994), diz que ao ativar a memória do idoso se alcança o momento de desempenhar a alta função de uma lembrança, mas não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Dessa forma a nitidez e o número das imagens das lembranças tendem a crescer.

Ainda diante da afirmação da autora, a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, mas não de forma arbitrária, mas por se relacionarem a índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

O passado como fortalecedor direto de um processo constitutivo da memória coletiva, também faz parte da construção do cotidiano, diante de distintas classes sociais e suas manifestações culturais, inspirado em Benjamin (1994).

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido (BENJAMIN, 1994, p.104).

Com o avanço da medicina e com o sucesso de suas vertentes estamos diante de uma era onde o aumento da população idosa expõe números significativos. Entretanto, essa “nova” parcela da população vem passando por dificuldades e enfrentando diversos problemas sociais. Nas próprias famílias muitos idosos são vistos como um fardo. Diante da sociedade, muitas vezes, essa classe é marginalizada, e seus integrantes considerados velhos improdutivos.

As lembranças dos idosos podem ser vistas como trampolins capazes de reconstruir seu passado onde encontram um mundo totalmente diferente desse em

que vivemos. Quando comparado a esta realidade, para alguns, o discurso dos mais velhos soa como um devaneio. Lembrar significa reviver o passado, momentos que parecem não mais voltar.

Seria em vão voltar as costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado (WIEL *apud* FROCHTENGARTEN 2005, p.03).

Apesar da importância da reprodução do passado para o idoso através das memórias, a tarefa de encontrar alguém disposto a ouvir suas histórias vem se tornando difícil, o que tem privado algumas pessoas da oportunidade de visitar e revisitar antigas lembranças.

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade: nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes. (BOSI, 2003, p.75).

Nos dias atuais, os idosos comumente atravessam um momento de banimento da sociedade, até mesmo no próprio seio familiar, muitas vezes de forma dura, agressiva e desumana, os antigos chefes de família tornam-se exemplo de um estereótipo negativo, improdutivo e incapaz. A juventude atual pode ser considerada parte relevante da massa que causa esse sentimento que os fazem sentir-se substituíveis, como se a vida fosse apenas um preparo para o momento em que seriam substituídos nas tarefas e “papéis da vida”, Bosi (2003).

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e pode ser o início de um banimento do grupo familiar. (BOSI, 2003, p.76).

O idoso convive com uma situação de declínio físico e mental, por esse motivo sente-se muitas vezes diminuído pela sociedade, até mesmo os meios de comunicação de massa exercem um papel fundamental na construção de muitos desses preconceitos.

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete: "É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços...Para que serve um velho, só para dar trabalho..."(BOSI,2003, p.76).

Embora não seja comum para os costumes e considerações culturais do brasileiro, felizmente, Bosi (2003) ainda observou que existem outras sociedades que praticam costumes e tratamentos diferentes do que encaramos como "normais" em nossa sociedade, onde os idosos são os integrantes mais respeitados do grupo, e tidos como entes sábios por salvaguardarem informações passadas de geração a geração.

Para um idoso, os aspectos físicos que rodeiam sua vivência são referências de uma vida, que funcionam como um processo de acolhimento de sua alma nos dias atuais, onde é comum que eles se sintam perdidos numa realidade tão diferente da que viveram. Esse também é um comportamento pouco compreendido por pessoas mais jovens, embora seja óbvio para aqueles que têm seu passado e seus representantes como símbolo de suas lembranças. Para muitos idosos seus objetos, seus móveis envelhecem junto consigo, pois cada um deles representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (Bosi, 2003).

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal.

Reproduzo aqui trecho da narrativa que ouvi do Sr. Amadeu, filho de uma grande e afetuosa família de Trieste, que combateu na Resistência durante a última guerra mundial:

– Hoje as crianças lêem Pinóquio em adaptação e a história fica bem resumida. Ou vêem o filme de Walt Disney. Mas nós tínhamos em casa o livro original do escritor italiano Collodi. Nele, o carpinteiro Gepetto que criou o boneco de pau era um trabalhador que só conheceu a pobreza. Morava num quartinho onde lutava contra a fome e o frio com a força do seu braço que ia diminuindo com a idade. No fundo desse quartinho via-se uma lareira com um belo fogo: mas era apenas uma pintura do engenhoso Gepetto na parede, para iludir o frio do inverno com a visão de uma lareira.

Esse desenho me encantava e penso que ainda encanta as crianças que folheiam o livro. Gepetto aconselhava o teimoso Pinóquio, cabeça de pau:
– Não jogue nada fora. Isso um dia pode servir para alguma coisa!(Bosi, 2003, p.09)

A citação acima provavelmente representa o que muitos idosos pensam sobre preservar as raízes da vida, que encontramos em pequenas coisas como no exemplo da história de Pinóquio, leituras de infância, contos de fadas, tradições de família. O apego das pessoas idosas as coisas antigas ou seus velhos objetos também tomam um novo significado na fala anterior de Bosi, onde a autora elucida a visão de um idoso sobre a forma que a sociedade vê os hábitos e os costumes dos mais velhos de preservar o que representa o seu passado.

Em detrimento aos dias atuais, nos quais a população, num âmbito global, vem passando por um processo de esvaziamento cultural e de incapacidade de compreensão sobre o valor de se preservar raízes memórias e tradições, a velhice não é encarada como um processo natural do homem, que requer uma nova compreensão dos fatores que compõe seu dia a dia, valorizando a capacidade que ainda possuem como sujeitos ativos da sociedade, e não indivíduos considerados a margem da sociedade.

3.2 O Desenraizamento e Esvaziamento Cultural como impulsionadores de um sentimento de não pertencimento de uma sociedade para com o seu patrimônio histórico e cultural.

O esvaziamento cultural, conforme salientou Walter Benjamin (apud FERRARE, 1993), deriva de uma perda efetiva do homem de suas memórias. Permeado por esse crescente ritmo da atualidade capitalista, o homem moderno tem se tornado cada vez mais escravo do tempo, impulsionado pela competitividade do mercado profissional, anseios em elevar o padrão financeiro. Momentos de lazer, de dar lugar a saraus e rodas de contos, momentos de ócio necessário às abstrações, como eram feitos nas calçadas e fazendas estão desaparecendo, se não já desapareceram, o que vem a confirmar a fala de Bosi (2003), “O desenraizamento é condição desagregadora da memória. A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários”.

Segundo um texto de Ferrare, (1993) que abrange ainda a temática do desenraizamento cultural, ao falar sobre a perda de experiências e do esvaziamento do legado cultural da humanidade, a autora analisa a pertinência em esboçar um perfil dessa tragédia moderna tomando-o como agente delineador ao encará-lo, como perda de tradição, memória e identidade.

O legado histórico dos idosos, como nossos antepassados é passado através das tradições, de forma que elas constituem o patrimônio cultural que um indivíduo pode herdar de sua família.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade" (BAUMAN *apud* ESQUINSANI, 2009, p. 02).

O desvendamento do passado desperta o interesse da sociedade refletindo a importância da memória e do patrimônio através da representação de sua memória social, onde o ser social atua, não apenas como simples admirador, mas como partícipe num dos campos de disputa simbólica da sociedade.

O patrimônio cultural social pode ser considerado agente potencializador do ato de lembrar, o que serve de alimento como um resgate para as memórias através das paredes das antigas edificações, trazendo com elas o enraizamento de uma época, sendo capaz de transmitir emoções que só podem ser percebidas por quem alcança a relevância do passado para com a preservação das cidades, aguçando o sentimento de pertencimento sobre esse patrimônio edificado. Este sentimento pode ser percebido de forma bastante significativa no primeiro contato com alguns idosos entrevistados, no e sobre, o bairro de Jaraguá, diferente do restante da população da cidade.

O sentimento de pertencimento da sociedade de Maceió quanto ao bairro de Jaraguá parece realmente estar ameaçado de nunca existir. Embora o entendimento de uma sociedade sobre o seu patrimônio histórico, social e edificado, seja essencial para que um povo tenha conhecimento da sua identidade e do seu passado, o estado de Alagoas parece não demonstrar interesse em conscientizar a população sobre a importância em preservar as antigas paredes, cheias de história e cultura, do antigo bairro.

Embora a conservação de antigos prédios históricos represente fundamental papel na preservação do patrimônio histórico

edificado, Marcela Maria Patriarca (2007) afirmou que se trata de uma política nacional recente, o que contribui para a expressão da identidade e tradição, assim como para uma importante saída na criação da identidade dos lugares.

A preservação e conservação do patrimônio histórico-cultural não são comuns no Brasil devido a pouca idade de suas cidades e à incorporação recente, e ainda carente, desses valores e concepções culturais.

Até mesmo a afetividade pela cultura ou pelo patrimônio cultural é considerada um valor antiquado e perdido no cotidiano das pessoas mais jovens. A relação de pertencimento com a cultura vem perdendo seu papel e desperta uma inquietação quanto à dúvida – Essa relação de proximidade com a cultura popular, o que aproxima diretamente o indivíduo de sua identidade, pode voltar a existir, uma vez que a vida do homem moderno vem se transformando crescentemente numa busca frenética dos valores materiais?

Ouvir e contar histórias pode aproximar os homens de suas raízes, pois é nessa narrativa que são repassados momentos ligados a tradição oral, e fazem de cada circunstância da vida um ato de ensinamento e de intensa oralidade, se mostrando clara a importância do contador expor que suas fontes “do contar” vêm de sua herança mais rica, seus pais, avós, ou pessoas mais velhas.



Figura 33 - Antigo casarão do bairro de Jaraguá, em ruínas. Exemplo dentre muitos outros edifícios que não fizeram parte do plano de revitalização realizado no bairro, 2014.

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica e se enrijece na narrativa. Porém o mutismo também petrifica a lembrança que se paralisa e sedimenta no fundo da garganta, como disse Ungarettino poema sobre a infância: *Arrestata in fondo alla gola come una rocciadigridi*, (Presa ao fundo da garganta como uma rocha de gritos), citou Bosi (2003).

Bosi também enfatiza seu interesse pelas histórias das pessoas mais comuns quando diz que se pedir “ao intelectual” para lhe contar sua vida e suas lembranças ele provavelmente vira com várias interpretações para preencher lacunas ou iludir esse desfavor. Mas se conseguisse que lhe narrassem seus dias, como fazem as pessoas mais simples, ficaria evidente a espoliação do nosso tempo de vida pela ordem social sem escamoteação possível.

Contadores de cordel são velhos narradores de contos e “causos”. Cordelistas sob a forma de contadores, repentistas e violeiros, por via da transmissão oral, levam ao povo nas feiras, nas ruas, sobretudo do nordeste, acontecimentos históricos, políticos, sócias e religiosos (COSTA; MAGALHÃES, 2004, p.79).

Diante da afirmação de Bosi, Costa e Magalhães, pode-se entender porque foi escolhido como base para esta pesquisa trabalhar com relatos dos moradores e viventes de Jaraguá. As pessoas mais simples, populares, que nesse caso, não são políticos nem estudiosos de problemas sociais, culturais ou urbanos da cidade em geral, mas sim aqueles que vivenciam os problemas e dificuldades da área, atrelados aos acontecimentos do passado, são quem poderão dar maior contribuição para este trabalho em sua busca de construir um dossiê histórico, e a partir dele entender o que poderia ser feito pelo bairro, sobretudo para o melhor convívio dos moradores e dos demais cidadãos da cidade no mesmo.

3.3 O Desenraizamento da sociedade e a descaracterização do espaço urbano.

Diante dessa crescente globalização que testemunhamos na atualidade o sentimento de identificação com a cidade ganha cada dia mais importância, embora não seja comum, e provavelmente ganharia impulso através da capacidade de reconhecimento do patrimônio cultural como referência.

Constatando após a leitura sobre Carlos (1997), a realidade da sociedade mostra que a vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez que se reproduz a

cidade, caso não haja interesse no resgate das referências. Nas mesmas ruas em que se costumava ver brincadeiras de crianças no passado hoje abrigam pessoas que parecem não mais encontrar na cidade suas próprias referências, e o mundo dos homens é cada vez mais o mundo da mercadoria e do que é possível comprar.

Trazendo a afirmação anterior de Carlos para a realidade que se pode conferir em Jaraguá atualmente, é possível fazer uma relação com o discurso de alguns moradores, ao iniciar a pesquisa piloto, quando se percebeu um lamento nos relatos de como os dias de hoje são diferentes de outrora, quando as pessoas se reuniam nas portas de suas casas, com familiares e vizinhos a conversar por longas horas e cumprimentar os amigos que por ali passavam. Nesta época as calçadas de suas ruas representavam um sentimento de acolhimento e seguranças.

Ainda parafraseando Carlos (1997), os seres humanos vêm se transformando em massa, sem personalidade, sem necessidades e suas relações tornam-se “coisificadas”.

Uma eterna “fabricação de desejos” é como pode ser chamado o desenvolvimento dessa mobilidade continua que movimenta o mercado mobiliário impulsionando o futuro das cidades atuais, onde os edifícios possuem tempo útil de vida e as pessoas jamais se satisfazem com o que tem, sempre em busca de atender a “cultura do consumo”³, Leite (2005).

A descaracterização do espaço urbano poderia ser atribuída à perda do pertencimento sobre as lembranças e raízes, preservação do patrimônio, e em consequência desse processo poderemos futuramente testemunhar a extinção desses conceitos como partícipes de alta relevância na vida da sociedade como um todo, refletindo numa profunda crise de identidade urbana, conforme Siveira e Bonato (2008).

Entende-se por esse aspecto o quanto a sociedade não possui esclarecimento suficiente para estar ciente do papel da preservação deste patrimônio para a preservação de sua cidade, e como esse processo funciona como ferramenta importante de suporte da construção da memória social e das identidades coletivas, contribuindo para a formação do sentido de cidadania.

³ Diante da leitura de Leite (2005), entende-se a cultura do consumo como uma prática a racionalidade instrumental do ato de comprar produtos, na direção que afirma usos e processos de apropriação de signos.

3.4 A Descaracterização dos centros históricos e sua Transformação em bem de consumo.

Como já demonstrado em capítulo anterior, o bairro de Jaraguá sofreu uma grande decadência, no que diz respeito à esfera arquitetônica, com o passar dos anos devido ao desconhecimento da população sobre a importância de manterem vivas a memória e a história deste centro histórico. Muito embora o bairro tenha passado por um processo de revitalização realizado nas principais ruas do bairro, trazendo uma “nova imagem”⁴ para a região.

O tema sobre a revitalização de centros históricos gera grandes discussões e controvérsias, especialmente em torno da idéia que defende que o processo de revitalização desses locais seria planejado, em sua maioria, para beneficiar o turismo das cidades e não os anseios dos usuários.

Existem cidades que a revitalização de áreas urbanas degradadas, promovendo reutilizações do patrimônio cultural, adotadas em maior ou menor escala, obtiveram resultados positivos, como norte-americanas e européias, a exemplo de Baltimore, Londres, Barcelona, Lisboa e Cidade do Porto, contudo, no Brasil, experiências com pouco sucesso podem ser vistas na revitalização do bairro do Recife em Pernambuco e Pelourinho na Bahia.

No bairro do Recife, no centro da cidade, chamado de “Recife antigo”, o processo de enobrecimento começou na década de 90, onde seus estreitos sobrados e ruas passaram por grandes reformas e o bairro tornou-se um dos mais sofisticados espaços da cidade, segundo Leite (2005).

O porto do bairro teve grande importância para toda a América no auge do ciclo do açúcar, mas em meados na década de 80 o bairro sofreu o esvaziamento e perda de funções habitacionais que se pôde perceber em outros centros históricos do Brasil, situados em regiões portuárias, que se caracterizam por serem espaços inóspitos, ponto de prostituição e boemia decadente, ainda segundo Leite (2005).

Com a revitalização do bairro nos anos 90, parte de seu patrimônio histórico foi recuperado, transformando-se em espaço extensivo de lazer e consumo, direcionado para as classes médias, Leite (2005). Esta mesma década também foi

⁴ A palavra *imagem* na sua revisitação de conceito, será entendida neste trabalho como uma projeção mental de um indivíduo representada numa construção de valores a partir das aspirações e desejos do mesmo ou de um grupo, onde se pode resgatar memórias, lembranças e ancorar elementos, aspectos estéticos, estruturais daquilo que é visto ou imaginado.

marcada por um momento no Brasil de desenvolvimento de um novo modelo de preservação do patrimônio histórico, que coincidiu com a época em que se tornou pública uma frase do então Ministro da Cultura Francisco Weffort, citada por Leite, (2005): “O Patrimônio Cultural do Brasil não é só uma questão de cultura, mas também matéria econômica (1999)”. Dessa forma podemos perceber que essa relação entre patrimônio e economia não é algo novo enquanto política de preservação no país.

Na citação abaixo Leite expõe um ponto importante sobre a discussão acerca da preservação do patrimônio dos centros históricos ter direcionamento diferente dos interesses dos moradores locais, e ainda o fato desses centros históricos terem suas principais atividades voltadas para o comércio e o consumo, como visto anteriormente.

Nos anos 90 [...], ocorreu uma acentuação da perspectiva de preservação voltada para o mercado. A participação do setor privado no gerenciamento das políticas de patrimônio envolve uma complexa alteração do patrimônio, de “bem simbólico” para “mercadoria cultural”. O processo implica formas de interação baseadas no consumo e pressupõe, em primeiro lugar, uma operacionalização das formas de preservação com base nas necessidades do mercado. Na prática, isso significa uma seleção de bens que potencialmente possam corresponder às expectativas de retorno financeiro dos altos investimentos privados. [...] Essas experiências de “revitalização” têm dividido opiniões e recolocado em destaque conceitos que perpassam o debate sobre patrimônio cultural, tais como identidade, cidadania, memória e democracia (LEITE, 2005, p.85).

A criação de um espaço para o espetáculo urbano, parafraseando Leite (2005), fazia parte de uma lista de “elementos estruturadores”, os quais implementariam a viabilização da proposta de revitalização do bairro do Recife. Esse elemento seria um indicador da política de enobrecimento aplicada na área, na medida em que confirma o foco predominantemente econômico das ações previstas. Dentre os demais “elementos estruturadores” da proposta estariam: “Economia local com função central plena”, “espaço público para a reunião e espetáculo”, “manutenção e valorização do patrimônio ambiental e cultural”, “recuperação da imagem do bairro”, Leite (2005).

Uma das principais áreas foco de reforma de estrutura física foi o quarteirão de animação da Rua do Bom Jesus. O perfil do Bairro foi redesenhado, numa criação voltada para consumo e lazer. Leite (2005), afirma que a área passou a ter a maior concentração de bares e restaurantes da cidade, o que foi previamente traçado por uma estratégia de marketing que estabelecia um único local onde o

consumidor teria várias opções de consumo, numa pequena dimensão física de espaço, dentre elas uma praça de alimentação e um Shopping Center.

Não muito diferente, aconteceu no Pelourinho, no estado da Bahia. O centro de Salvador, onde se localiza o bairro, foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade o que veio a reforçar a importância da cultura local da área.

Apesar da revitalização do bairro ter como objetivo a restauração de seu patrimônio histórico e cultural, assim como a sua volta à dinâmica geral da cidade, o potencial turístico da região tornou-se foco do processo de revitalização, afirmou Lima (2004). Em 1991 o Governo do Estado transformou a área em um pólo de atração turística, que teve como consequência a substituição dos valores da cultura local pelos elementos massivos, o que atraiu um número maior de visitantes de alta renda, gerando assim a perda de suas atividades cotidianas e a expulsão da população residente, que participou de um programa de indenização para viabilizar a sua transferência para outra área da cidade, Lima (2004).

O incentivo ao turismo pode muitas vezes ser benéfico para o desenvolvimento econômico e social de uma cidade, mas neste caso contribuiu para a degradação do patrimônio local, na opinião de Lima, visto que cada vez mais seus espaços destinados aos novos usos comerciais e de serviços são de alto padrão, voltados apenas para o usuário de alto poder aquisitivo. A falta de segurança e incentivo ao comércio local também contribuíram para a exclusão dos moradores e trabalhadores locais.

No caso de Jaraguá nota-se uma semelhança, pois acredita-se não ter existido um interesse em identificar as necessidades dos residentes antes de ser dado início ao processo.

A transformação desses locais muitas vezes não condiz com a identidade cultural da área. Fator que também se pôde identificar ao analisar as primeiras entrevistas feitas em Jaraguá, em contribuição para a pesquisa, é de como a apropriação do mercado turístico sobre os centros históricos pode se interpor entre o usuário e sua identificação cultural com o bairro.

Muitas vezes os centros históricos se tornam porções da cidade onde a atividade principal destina-se ao comércio, o que não significa afirmar que a tentativa de trazer de volta moradores ao bairro de Jaraguá o impediria de ser visto apenas como área comercial e de passagem. Até mesmo porque, supõe-se, que haveria uma dificuldade de adaptação dos moradores, em habitar um área da cidade onde

as residências, ruas, e infraestrutura em geral fosse muito antiga. Isso provavelmente implicaria numa significativa mudança aos hábitos daqueles que estão acostumados às comodidades que a modernidade oferece aos hábitos de morar, as tecnologias em que seus mundos estão inseridos. Seria preciso um resgate de consciência dos gestores urbanos e também dos profissionais da área, em retomar essa reterritorialização e desenvolvimento da renovação dos espaços públicos, marcada pela época em que vivemos nessa sociedade capitalista, a era do consumo da cultura, que teria se tornado um meio de construção das identidades contemporâneas, sobretudo dos processos de significação da sociedade. O consumo se configura como ferramenta privilegiada para a compreensão das experiências cotidianas da sociedade.

Desta forma, o consumo pode vir a determinar e orientar o modo de viver das pessoas e suas escolhas sobre como conduzir o cotidiano. Diante disto, a globalização e a consolidação do capitalismo e do consumo, fazem com que os espaços passem a agregar valores, assim como os objetos, produzidos pela indústria do consumo⁵, da cultura, do turismo e do lazer, trazendo à sociedade a produção de um espaço instrumento, objeto de comercialização, tal qual Carlos (1997), observou. Assim, o lazer também se transformou numa necessidade dentro desse mercado de consumo, e não mais se configura como atividade espontânea de uma sociedade. Como aconteceu no bairro de Jaraguá, suas principais ruas tornaram-se centros de casas de festas, shows, *boates* e restaurantes, de acesso restrito àqueles que tivessem possibilidades de fazer uso deste espaço.

Ainda diante da opinião de Carlos (2007), a apropriação dos espaços urbanos, pela indústria do consumo, acontece devido ao interesse em atrair visitantes, contudo enquanto esses espaços se transformam em espetáculo para os visitantes, para as pessoas que moram no local surge uma nova relação com o mesmo, que não mais se identifica com o sentimento anterior de intimidade, de forma que as pessoas também se transformam em “objetos” da cena.

⁵ Nesse contexto entende-se por indústria de consumo, como Lima (2010) considerou, um novo modelo de reestruturação financeira, estabelecido pelos regimes acumulativos e flexíveis da economia pós-moderna, que se traduz em um novo padrão cultural, que se expressa não somente em certas organizações produtivas, mas nos modos gerais de vida social ditando tendências .

3.5 O Conceito de lugar e não- lugar. Jaraguá como “lugar” para os antigos moradores do bairro

A falta de identidade que se revela quando o indivíduo não mais sente-se íntimo ao seu “lugar”, em consequência da transformação do mesmo em espetáculo, pode caracterizá-lo como não-lugar.

É através de seu corpo de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua [...], (CARLOS, 2007, p.17).

O conceito de Lugar abrange uma rede de significados consolidados pela história e pela cultura, encontrando nas relações de conhecimento e reconhecimento uma identificação com o espaço e com o tempo vivido.

O grau do sentimento de pertencimento ao lugar, bem como suas formas de apropriação através dos usos variados, é mantido pelo vínculo histórico mesmo que fragmentado da prática social nos mesmos e perpetuado através da memória e dos sentidos ao se relacionar com essas vivências ao longo do tempo de vida (LIMA, 2004, p.20)

Quando o cidadão passa a se perceber como um ser estranho num determinado lugar, o qual representará uma relação de pertencimento e afetividade, este pode vir a representar um não-lugar. Pois para Carlos (2007), o lugar se conceitua no mundo do vivido, do dia-a-dia, das relações humanas onde se formulam os problemas produzidos na interação social entre os indivíduos.

Marc Augé (1994), mais do que de não-lugares, fala sobre a “abolição de lugares”, apesar de afirmar que lugar e não-lugar não se opõem. Para o Autor, o lugar tem um sentido estrito e simbólico, liga-se à idéia de espaço antropológico, que se refere sempre “a um acontecimento (que ocorreu) a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico)”. No contexto dos não-lugares Augé inclui os aeroportos, auto-estradas, estações ferroviárias, os supermercados.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a "lugares de

memória", ocupam aí um lugar circunscrito e específico. Surge desta forma uma perspectiva em dissociar esta questão contemporânea, dentro de um possível desmembramento do mundo em "lugares" e "não-lugares" (AUGÉ, 1994, 73.)

Ainda diante da conceituação de Augé (1994), os não-lugares, são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados "meios de transporte", enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo. Nesse contexto entende-se que a modernidade tem tornado a vida contemporânea vazia e não identitária, o que pode-se perceber no texto do referido autor :

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados. as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio "em surdina", um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito (AUGÉ, 1994, 74).

A cidade abriga os mais variados tipos de inter-relações sociais dentro de seus sítios urbanos. A noção de "lugar" se revela na porção de um espaço em que o corpo se apropria cotidianamente para sentir, pensar e comunicar nas suas mais variadas esferas de uso, constituindo-se uma propriedade básica e física dos corpos, enquanto que o não-lugar se desprende das características peculiares desses espaços, eliminando seus marcos históricos, suas relações de identidade com a população, desconsiderando a memória e a tradição, a partir dos processos de massificação da cultura local, observou Lima (2004).

A primeira referência é a Merleau-Ponty que em sua Fenomenologia da percepção, distingue do espaço "geométrico" o "espaço antropológico" como espaço "existencial", lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado "em relação com um meio". A segunda é à fala e ao ato de locução: "O espaço seria para o lugar o que

se toma a palavra quando é falada. Isto é, quando é apreendida na ambiguidade de uma efetivação. transformado num termo dependente de múltiplas convenções colocado como o ato de um presente (ou de um tempo) e modificado pelas transformações devidas a vizinhanças sucessivas (AUGÉ, 1994, p. 173).

Ao iniciar a pesquisa piloto do bairro, pôde-se perceber diante das primeiras conversas com os moradores, um pesar e insatisfação em sua fala, em sua maioria. A exemplo do comentário de um dos entrevistados, na fala de Sr. Cleidson, citado anteriormente: “Revitalizar não é isso, minha filha, fazer um calçamento, e comprar poste Francês?”, em desabafo. Também como exemplo dessa insatisfação citou-se a situação da Praça Rayol, que mesmo depois do bairro não mais atrair a população a frequentar os bares e restaurantes estabelecidos na época da restauração, ainda abriga algumas casa de shows, das quais algumas funcionam até tarde da noite causando barulho e conseqüentemente desconforto aos moradores dos arredores, segundo entrevistados.

Apesar dos comentários negativos, feitos pelos primeiros moradores entrevistados, sobre as dificuldades que encontram em residir hoje no bairro, diante de problemas de segurança, grande fluxo de trânsito e outros, a maioria deles em nenhum momento demonstrou qualquer interesse em deixar Jaraguá. Muito pelo contrário, todos disseram que não deixariam a área, suas casas, diante de tantos anos de vivências, tantas lembranças e momentos memoráveis, dos quais jamais gostariam de se separar. Diante desse aspecto Jaraguá se configura como o “Lugar” dos que lá vivem, apesar de todos os problemas diários que enfrentam.

Jaraguá parece despertar o sentimento de pertencimento dos moradores. Este sentimento pode ser o responsável pela sua força e esperança, pois embora insatisfeitos com a estrutura que o bairro hoje lhes oferece, alguns deles ainda acreditam que o bairro ainda possa vir a parecer com o que já foi um dia.

3.6 A Revitalização de Jaraguá: O Enobrecimento do bairro.

Considerando a importância em revalorizar a imagem da cidade visando o melhor aproveitamento de suas qualidades como potencial turístico, paisagístico, e cultural, é a partir desse conceito que o desenvolvimento econômico de muitas cidades da atualidade se baseiam no investimento da revitalização dos seus centros históricos. Assim, surgem meios que facilitem a visibilidade dessas áreas analisadas como potencial turístico e de lazer, considerando aspectos ambientais, físicos,

econômicos e socioculturais, assim como serviços dos diferentes tipos de tecnologia de apresentação (LIMA, 2010).

Neste sentido, a revalorização dos centros históricos, no que se refere ao desenvolvimento econômico das cidades tornou-se um ponto chave como estratégia de redefinição da imagem da cidade, explorando seu potencial turístico.

Entretanto, parece comum avaliar em muitos casos de revitalização de centros históricos (o que não quer dizer que aconteça em todos) e espaços públicos, um efeito oposto sobre a preservação e valorização da cultura local, evidenciando a perda das características intrínsecas a sua história, memória e tradição, bem como causando a expulsão da população local residente em detrimento do enobrecimento dessas áreas através dessas intervenções que visam à valorização turística. Muitas vezes, em consequência deste processo, que se espelha em projetos aplicados em outras realidades, onde o sucesso da experiência não se adequa necessariamente a outros lugares, emerge um dilema entre a transição da cultural local para acultura de massa, descaracterizando e desvirtuando o seu valor sócio-cultural para se transformar em uma imagem artificial, Lima, (2010).

A remodelação de cidades por vezes implica na camuflagem e remoção de elementos “indesejáveis”; da mesma forma, aspectos “desejáveis” são enfatizados ou simplesmente inventados, sem qualquer relação com a história e cultura locais. A criação dessas novas paisagens para o consumo turístico toca em uma delicada questão: até que ponto tais empreendimentos contribuem para a manutenção e sobrevivência da paisagem e da cultura local? E ainda mais: qual o limite a ser imposto entre o “real / autêntico” e o “imaginário / falsificado”? (SILVA, apud LIMA, 2004, p.23).

O resgate do patrimônio arquitetônico não é necessariamente produto das revitalizações e restaurações dos centros históricos, quando estas surgem voltadas apenas para a satisfação do mercado turístico, buscando compor um cenário edificado favorável a “venda da imagem” da cidade, objeto de uma atração meramente turística. Até mesmo os fatores responsáveis pela identidade do local e que lhe confirmam autenticidade podem ser elementos desvirtuados, transformando o “lugar em não- lugar”, em consequência dos reais objetivos do processo de revitalização, para compor uma realidade mais apreciada pelo turismo, deixando bem claro a quantificação dos valores entre bens patrimoniais e econômicos para o interesse de desenvolvimento das cidades.

Neste contexto, percebe-se que uma forma eficaz na produção desta imagem da “realidade perfeita” é fortemente positiva quando se desvia a atenção quanto aos problemas urbanos e sociais, trazendo o foco para intervenções pontuais com resultados a curto prazo, ainda inspirado em Lima (2010).

Jaraguá foi revitalizado de forma “fetichizada”⁶ e não identitária, traduzindo a revitalização realizada no bairro a um conceito que consiste na prática da supervalorização de centros históricos ou espaços urbanos, buscando enobrecer esses locais e os transformando em lugares de consumo, processo que pode ser identificado como “gentrification”, segundo texto de Leite,(2005). Uma característica constante deste processo pode-se notar na realocação da cultura, pela qual as tradições são reelaboradas e passam a dialogar em estado alterado como produto do mercado simbólico de bens culturais, cujos conteúdos culturais são redirecionados objetivados pela retraditionalização desses nichos urbanos de consumo.

Como Featherstone (1995) ressaltou avaliando a relação entre cultura de consumo e produção de mercadorias da sociedade contemporânea:

Embora o argumento fundamental que justifica as atuais políticas culturais de gentrification continue baseando-se na idéia da tradição, ocorre uma alteração no modo de operar esse conceito, na medida em que pressupõe uma retomada de idéia de patrimônio nacional, acrescida de uma concepção mercadológica que trata esse patrimônio como mercadoria cultural. Essa dimensão mercadológica implica que a racionalidade da preservação tem seu foco direcionado para as práticas que podem agregar valores aos bens culturais, no sentido de possibilitar uma rentabilidade dos investimentos aplicados, acrescidos dos lucros potenciais que o bem restaurado pode propiciar (FEATHERSTONE, apud LEITE, p.81).

⁶ Tomando como base a compreensão do texto de Leite (2005), a revitalização de forma fetichizada pode ser entendida diante de uma redução do valor cultural ao valor econômico, que poderia subsumir a natureza propriamente cultural do patrimônio.

Segundo Lima, somente na década de 80 que se deu início as primeiras medidas de proteção do patrimônio de Jaraguá, e em 1981 teria sido elaborado o Plano de Desenvolvimento de Maceió, que já previa proteção rigorosa ao bairro. Na década de 90 foi quando ocorreu a proposta de revitalização do bairro,



Figura 34 - Rua Sá e Albuquerque, atualmente, após a revitalização, 2014.
Fonte: Arquivo pessoal.

pelo Estado e Município, com o objetivo de preservar Jaraguá enquanto centro histórico, promovendo uma área mais dinâmica para receber o turismo cultural da cidade, buscando a recuperação de parte do seu patrimônio histórico e sua transformação em um espaço extensivo de lazer e consumo para a classe média. Essa intenção em reabilitar o patrimônio, funcionou configurando uma lógica de mercado cuja base se solidifica por meio da reativação do comércio e da valorização imobiliária.

Para Featherstone (*apud* LEITE, 2005), a segregação do espaço pelas restrições ao consumo de produtos e serviços, definida pelo excludente critério de renda, também se relaciona a estilos de vida de uma classe média urbana, que abrangem um interesse por áreas públicas que ofereçam, ao mesmo tempo, lazer e segurança. Esse cenário poderia traduzir de forma esclarecedora a realidade da revitalização de Jaraguá, onde esse processo, que se encaixa nos preceitos de uma política urbana é caracterizado pelo conceito do *gentrification*, onde o patrimônio cultural e os bens artísticos são tratados como mercadoria.

Dessa forma, comumente pode haver uma substituição da população de menor poder aquisitivo pelas camadas mais bem favorecidas, como uma forma de estratégia econômica que venha a proporcionar uma valorização e diversificação de atividades lucrativas nestas áreas.

O bairro de Jaraguá foi submetido a um projeto de revitalização por meio do PRODETUR/NE (Programa de Desenvolvimento Turístico do Estado de Alagoas), que tinha como alguns dos principais objetivos o incremento do turismo e melhoria das condições de vida da população local.

O Plano Setorial de Desenvolvimento Urbano do Bairro do Jaraguá se caracterizou em 1994 como um estudo da área que tinha como proposta a recuperação física do bairro e a mudança de usos, enfatizando suas potencialidades turísticas e culturais. O Plano tinha como meta transformar o bairro em um centro de atividades, lazer, comércio, serviços, turismo, cultura, exposições.

A partir desta iniciativa surgiu o Plano de Revitalização de Jaraguá. Para que as características do bairro fossem exploradas, enquanto potencial turístico e cultural da cidade de Maceió, a revitalização do bairro contou com diversas mudanças, inclusive no sistema viário, mudança de sentido de algumas vias, sinalização, calçamento e um grande estacionamento para a área além da pavimentação em paralelepípedos, o que se concentrou principalmente na Rua Sá e Albuquerque, como também foram realizadas obras de infraestrutura urbana como o enterramento da rede elétrica e telefonia, drenagem, recuperação de calçadas, tratamento paisagístico em algumas praças. A prefeitura também se responsabilizou pela revitalização dos prédios do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA), do Museu Theo Brandão, da Associação Comercial, e do Coreto da Av. da Paz. Diversos imóveis foram restaurados recebendo novos usos, como por exemplo a Faculdade de Alagoas – FAL, segundo Lima (2004).

Também foi de interesse do programa de revitalização o investimento em melhoramento dos equipamentos públicos e prédios históricos de uma área específica do bairro pela UEM Jaraguá, Unidade Executora Municipal do Jaraguá, órgão responsável pela coordenação, definição de objetivos, implantação e execução das ações do Projeto de Revitalização no bairro. O plano de revitalização também contou com investimento privado, empresários investiram em equipamentos de lazer e de apoio ao turismo, que se concentraram também na rua Sá e Albuquerque. O novo visual agregado ao local, proveniente da restauração de alguns principais monumentos da rua, atraiu novamente os maceioenses e os visitantes para o lazer noturno no Jaraguá. Cerca de trinta prédios foram recuperados e a maioria foi utilizada para a instalação de bares e casas de show, (LIMA, 2004).



Figura 35 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização. Os bares e restaurantes atraíam inicialmente muitos Maceioenses e visitantes.
 Fonte: www.espalhai.com.br, 2014.



Figura 36 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização. Os bares e restaurantes atraíam inicialmente muitos Maceioenses e visitantes.
 Fonte: www.espalhai.com.br, 2014.



Figura 37 - Rua Sá e Albuquerque, após a revitalização, prédio onde hoje funciona a sede do IPHAN (Instituto do Patrimônio histórico Nacional), 2014.
 Fonte: Arquivo pessoal.

Foram instalados outros equipamentos públicos como o Centro Cultural e de Exposições de Maceió, a reurbanização da orla marítima ao longo da Praia da Avenida, que contou com o melhoramento de calçadas e ganhou uma ciclovia. Ainda em 2005 foi inaugurado o Memorial da República, um equipamento cultural situado na Orla da Praia da Avenida.

Pode-se ressaltar como uma possível causa da estagnação social do bairro a falta de estímulos para o uso residencial, pois ainda que se tenha aplicado investimentos para a recuperação do seu sítio histórico e implementado programações culturais afim de dinamizar a área, os serviços oferecidos pelo bairro como bares e restaurantes não vingaram por falta de público. Observa-se também que ao longo de sua história o bairro sempre apresentou ocupações de população com baixa renda que habitam moradias, cortiços e favelas a beira-mar, em sua maioria formada por famílias ligadas à pesca e atividades portuárias, comércio, bancos ou associações agrícolas e até os anos 70 as atividades de meretrício (LIMA, 2004, p.52)

Acredita-se que a revitalização de Jaraguá não tenha dado certo pelo fato do programa não ter se concentrado em recuperar a área no sentido de oferecer novos usos que se relacionassem a realidade da população local do bairro, fazendo com que o mesmo mantivesse uma relação de identificação com os usuários do local, e não somente transformar Jaraguá numa atração turística, cujo foco fossem pessoas com uma realidade financeira que não condizia com a dos moradores e usuários do bairro.

Ainda se tratando do projeto de revitalização do bairro aborda-se a discussão sobre o impacto da Vila dos pescadores, comunidade que se formou na orla de Jaraguá, diante do processo de transformação no bairro em área de lazer destinada ao uso turístico da cidade. A imagem que a Vila traduz ao bairro não contribui com o cenário de “realidade perfeita” que os conceitos de estetização urbana e o *gentrification* buscam imprimir a área. Desta forma a vila dos pescadores tornou-se um entrave para a execução e sucesso do projeto. Na opinião de Pedrosa:

As águas mais limpas e cristalinas do que as de hoje, sem sacos de plásticos flutuando em manchas de óleo de jangadas ao mar pelos próprios pescadores sem nenhuma fiscalização, nem educação ambiental, poluindo o mar onde vão depois pescar, nela ativando seus excrementos diários, toneladas de lixo, cabeça de camarão e peixe podre. Agora existe no local uma favela que dizem ser de pescadores, mas que, na verdade, abriga toda a classe de desamparados urbanos e invasores de uma construção de porte [...] hoje uma favela imunda, sem instalação sanitária, onde ficavam empilhadas centenas de pessoas cujos excrementos são percebidos

duzentos metros do local, rememorando o tempo das pontes e trapiches. (PEDROSA, 1998, p.122)

Já aconteceu por parte do governo do estado uma tentativa de remoção do assentamento, que não obteve grande sucesso, pois instigou uma atitude de revolta por parte dos moradores e a entrada do Ministério Público com uma ação judicial visando a sua retirada. Em 2009 foi retomado o projeto de remoção das famílias, assinando a ordem de serviço que autoriza o início das obras do Residencial Vila dos Pescadores. Segundo o Portal da Prefeitura de Maceió, (2014), mais de 400 famílias já foram relocadas para o Residencial da Vila dos Pescadores na Avenida Assis Chateaubriand.

Atualmente, ainda segundo o Portal da Prefeitura de Maceió (2014), a prefeitura esta viabilizando para o semestre presente a construção de um Centro pesqueiro em Jaraguá. O projeto contempla, entre outras estruturas, três estaleiros, seis oficinas de manutenção para barcos, uma praça com um palco para apresentações culturais, uma fábrica de gelo, um estacionamento e um mercado para a venda de pescados, esse último obedecendo ao que determina a Vigilância Sanitária. Também fazem parte do investimento a construção de uma associação de pescadores (filial da associação dos alcoólicos anônimos e um Museu da memória da Vila dos Pescadores), uma lanchonete de comidas típicas, uma sorveteria e estacionamento para automóveis e bicicletas. A proposta promete revitalizar e transformar o espaço em um moderno equipamento público, deixando para trás a realidade da vila e suas condições insalubres, (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2014).



Figura 38 - Imagem do projeto do Centro Pesqueiro de Jaraguá, 2014.
Fonte: Portal da Prefeitura Municipal de Maceió, 2014.

O projeto dispõe de R\$ 24 milhões do Ministério das Cidades e conta com a coordenação da Secretaria Municipal de Habitação Popular e Saneamento (SMPHS). Desse valor, R\$ 14 milhões teriam sido investidos na construção do Residencial Vila dos Pescadores, com início da transferência de famílias ainda no ano de 2012, e outros R\$ 10 milhões seriam aplicados na reurbanização e no fomento de estruturas que beneficiem a comunidade pesqueira, (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2014).



Figura 39 - Imagem do projeto do Centro Pesqueiro de Jaraguá, 2014.
Fonte: Portal da Prefeitura Municipal de Maceió, 2014.

Ainda existe um grupo de pessoas que permanece na Vila dos Pescadores e tem opinião contrária ao projeto atual da prefeitura, defendendo a construção de novas moradias no local. Segundo o Instituto do Meio Ambiente (IMA) existe um parecer que inviabiliza tal proposta, expondo motivos pelos quais os moradores não podem permanecer no bairro de Jaraguá, (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2014).

O secretário municipal de Habitação Popular e Saneamento, Mac Lira, informou que a construção do Centro Pesqueiro foi exaustivamente debatida com o apoio da comunidade pesqueira, inclusive com os moradores resistentes e que caso não se transfiram de maneira pacífica, provavelmente a Justiça determinará como deve ocorrer a desocupação, (PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 2014).

4 RESULTADOS

Ao realizar as entrevistas com as pessoas que ainda residem em Jaraguá construiu-se uma relação de intimidade com as ruas do bairro. As regiões que possuem maior número de residências foram percorridas enumeras vezes, assim como as ruas com características comerciais, por possuírem em geral um grande número de antigos prédios e representarem a história do bairro, não esquecendo que os antigos comerciantes também contribuíram de forma relevante para a pesquisa.

Ao caminhar pelas ruas do bairro, em especial pelos arredores da Praça Dois Leões, com o intuito de buscar pessoas que pudessem participar do trabalho e também de conhecer as sensações e percepções próprias sobre a área, o que mais chamou atenção foi a luta entre o antigo e o contemporâneo.

Os antigos casarões e armazéns expiram os ares da sua época, enquanto que a vida das ruas principais do bairro tornou-se cenário da realidade moderna, onde as pessoas caminham com pressa em direção a bancos, órgãos públicos, e os carros cruzam as ruas em velocidade para atravessar o bairro ou encontrar vagas de estacionamentos em frente aos estabelecimentos comerciais. Ao mesmo tempo um pensamento “nostálgico” vem à mente: como seria a vida nestas ruas em meados do século XX, quando a cidade de Maceió começara nesta região, onde as famílias ali circulavam? Que costumes tinham as pessoas, que roupas elas usavam? Ah se fosse possível viver ao menos um pouco nesta época e sentir como era a vida neste bairro, quando as pessoas se vestiam elegantemente, as crianças brincavam nas ruas e nas praças, a vizinhança toda se conhecia e se cumprimentava, quando era apreciada a boa educação e todos tinham respeito pelos mais velhos!



Figura 40: Praça Dois Leões, antiga Praça General Lavenere. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 41 - Praça Dois Leões, antiga Praça General Lavenere, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 42 - Praça General Lavenere, 1910. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 43 - Praça Dois Leões, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

Também foi feita uma outra pesquisa no bairro que não tinha o foco de encontrar antigos moradores. Depois de escolher as imagens que mais

representavam Jaraguá em seu aspecto histórico percorreu-se o bairro em busca de identificar os antigos prédios ou lugares memoráveis e comparar com as imagens antigas. Muitas das imagens antigas selecionadas para fazer parte da pesquisa não evidenciavam tão claramente a sua atual localização. Então, a descoberta de estar diante do local que correspondia à imagem antiga despertou sentimento de satisfação e emoção. Depois disso feito, foram fotografados os locais do bairro que correspondessem as mesmo ângulo das imagens antigas selecionadas anteriormente, para que servissem de material para a metodologia aplicada na pesquisa, que se baseava no comparativo dessas imagens, antigas e atuais do mesmo local, através do processo de ancoragem.

Como exemplo pode-se tomar o trapiche novo, que hoje abriga o Banco do Brasil, o Trapiche Faustino que hoje é uma ruína onde apenas uma fachada encontra-se de pé e um trecho da Rua Sá e Albuquerque cuja fotografia é uma das mais encontradas nos registros da história de Jaraguá.

Imagens que representam o mesmo local no passado e no presente, antes Trapiche novo e hoje Banco do Brasil:

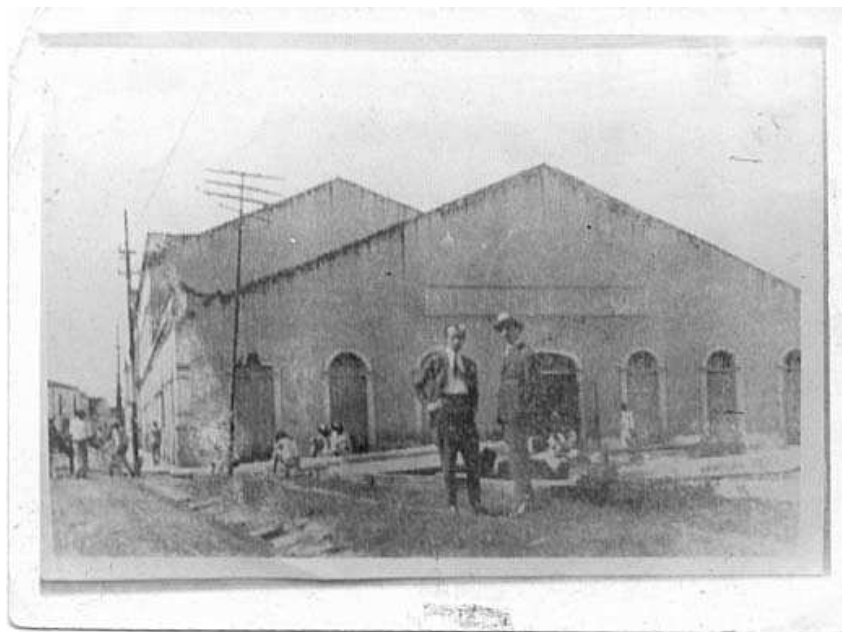


Figura 44 - Trapiche Novo, situado na antiga Rua da Alfandega. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 45 - Banco do Brasil, antigo Trapiche Novo, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

Imagens que representam o mesmo local no passado e no presente do Trapiche Faustino:

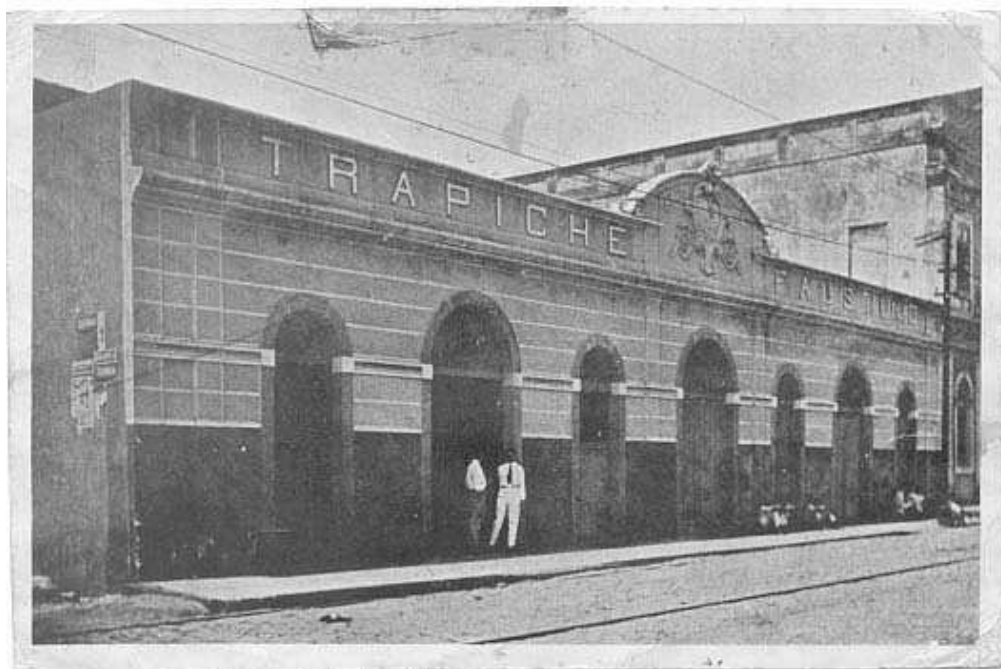


Figura 46 - Trapiche Faustino, por volta de 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 47 - Ruínas de um antigo armazém, o qual acredita-se ter sido o antigo Trapiche Faustino, 2014. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

Imagens que representam o mesmo local no passado e no presente de um trecho muito representativo da Rua Sá e Albuquerque:



Figura 48 - Antiga Rua da Alafandega, hoje Sá e Albuquerque, com o trilho de tração animal, 1912. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 49 - Rua Sá e Albuquerque, trecho contemplado pela revitalização do bairro, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

Este caminhar em busca dos antigos prédios e pontos importantes de Jaraguá foi repetido algumas vezes o que suscitou uma relação mais íntima com o bairro e despertou uma afetividade maior pelo local, pois o sentimento anteriormente era de curiosidade sobre o bairro histórico da cidade. Foi como viver um pouco uma história conhecida anteriormente apenas nos registros históricos e fotografias antigas.

Em contrapartida, o caminhar em Jaraguá não se acompanhou apenas de sentimentos de nostalgia e curiosidade, mas também, em alguns momentos, de medo. Esse percurso feito, por várias ruas onde existe pouco movimento de pessoas e carros, para identificar as edificações ou para realizar as entrevistas nas portas das residências foi considerado inseguro, uma vez que tal trajeto foi feito em alguns casos nos finais de semana, quando seria mais fácil fotografar os prédios sem o movimento dos carros, como também de encontrar algumas pessoas que estavam mais disponíveis que nos dias de semana, mas também quando as ruas estavam mais desertas. Infelizmente o bairro tem uma realidade constante de assaltos e uma freqüência assídua de usuários de drogas, o que se pôde confirmar com as entrevistas feitas no local.

Conseguir realizar as entrevistas não foi tarefa fácil. Poucas pessoas se dispuseram a contribuir com a pesquisa, mas as que participaram, em sua maior parte, foram bastante acolhedoras. Algumas entrevistas levaram uma tarde inteira, e a pessoa entrevistada apresentava toda sua casa, servia café ou mostrava sua coleção de fotos, livros ou objetos antigos de família. Muitos idosos se sentiram felizes em participar e demonstraram bastante interesse pela metodologia, principalmente no momento em que foram expostas as imagens antigas e atuais. Pra eles, ver uma imagem antiga do bairro, que vivenciaram tão intimamente por tantos anos, foi muito emocionante, sobretudo para aqueles que moraram lá desde a infância. E quando percebiam que estavam olhando para duas fotos em datas distintas do mesmo local sempre se admiravam de como as coisas estavam diferentes, e de como havia acontecido, na maioria das comparações feitas, uma mudança tão relevante, e de como eles nunca haviam parado para pensar sobre isso.

Em alguns casos, algumas das pessoas entrevistadas não reconheciam a imagem antiga apresentada pela pesquisadora. Isso aconteceu um maior número de vezes em especial com as imagens antiga do Portal da Ponte de Embarque, da Ponte de Embarque e do prédio do Museu Théo Brandão.



Figura 50 - Portal da Ponte de Embarque. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 51 - Local onde situava-se o Portal da Ponte de Embarque, a direita do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte:Arquivo pessoal.



Figura 52 - Passarela da Ponte de Embarque, a direita a Recebedoria Central, a esquerda o Trapiche Novo, e ao fundo o Sindicato dos Estivadores, 1930. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte:Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 53 - Local onde estaria a antiga Ponte de Embarque, hoje a calçada da Vila dos Pescadores, a direita o Museu da Imagem e do Som, a esquerda o Armazém Usina, e ao fundo o Sindicato dos Estivadores, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

O antigo edifício do Museu Théo Brandão não possuía a cúpula que configura uma típica característica atual do prédio. Essa reforma acontecida nesse casarão provavelmente antecedente o tempo em que a memória dos idosos entrevistados alcança, por isso eles só reconhecem a imagem atual do prédio.



Figura 54 - Jaraguá antigo. Palacete dos Machado (Museu Theo Brandão), antes da reforma que lhe concedeu a cúpula. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 45 - Museu Théo Brandão, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.
Fonte:Arquivo da autora.

Já o Portal da Ponte de Embarque foi demolido bem antes do que todos eles podem se lembrar, ao que se sabe no início do século XX, uma vez que os idosos mais velhos que participaram da pesquisa tinham em média oitenta anos, com exceção da senhora Helena de Melo Pimentel, que nasceu em 1923 e por isso se recorda da Ponte de Embarque. Contudo, embora a ponte de embarque tenha sido demolida antes da existência da maior parte dos entrevistados, alguns idosos fizeram um breve comentário sobre a mesma ao ver a sua imagem antiga, provavelmente pelo fato de saber de sua existência, devido à importância econômica que representam para o bairro, mas não por poderem se lembrar dela.

Portanto, algumas das imagens selecionadas para ser aplicadas a pesquisa não contribuíram da forma que se esperava.

4.1 A Ótica dos Idosos sobre as relações de convivência no bairro de Jaraguá.

4.1.1 Quanto a Segurança

Um dos aspectos negativos apontados, quase que por unanimidade, nas conversas com os moradores foi a falta de segurança que o bairro enfrenta nos dias de hoje. Fossem moradores ou comerciantes do local, estavam sempre se queixando de como é difícil viver num bairro onde as pessoas precisam estar sempre atentas mesmo que na porta de suas casas. Jaraguá hoje tem um

movimento muito dependente da passagem dos carros e do comércio, então depois das 18:00 horas e nos finais de semana, quando o comércio não funciona, o risco de assaltos e arrombamentos aumenta consideravelmente, segundo os entrevistados. Alguns comerciantes relataram casos de assalto e arrombamento a seus estabelecimentos, e por esta razão tiveram que melhorar a segurança, com vigias noturno, alarmes automáticos, grades e outros sistemas de segurança. Dona Gisélia sofreu assalto em sua mercearia duas vezes. Assim como nas residências também já houve assaltos e arrombamentos, contaram Dona Nocy e Dona Gedalva por experiência própria.

Obviamente todos os bairros da cidade têm problemas de segurança e criminalidade, que poderiam ser atribuídos a fatores sociais e políticos. Mas para a maior parte dos idosos moradores de Jaraguá que participaram da pesquisa, dois aspectos são os principais responsáveis pela insegurança do bairro. O primeiro é que, embora o bairro tenha passado por um programa de revitalização, exposto no capítulo anterior, ainda existem muito prédios antigos que não foram reformados, e muitos deles estão abandonados e servem de abrigo para moradores de rua ou tornaram-se ponto de uso e venda de drogas, atraindo pessoas que estão marginalizadas a frequentar a área.

O segundo fator apontado pelos entrevistados como possível causador do aumento da criminalidade do local seria o assentamento da Vila dos Pescadores na orla de Jaraguá. Segundo os entrevistados, para muitas pessoas que não frequentam sempre o bairro essa seria uma comunidade inofensiva, de pessoas de bem que só querem viver da sua pesca. O que não estaria errado afirmar se não fosse por uma parcela de pessoas que, segundo os moradores de Jaraguá, residem na comunidade dos pescadores, e são usuários de drogas e lá também traficam esses produtos, atraindo pessoas que circulam no bairro tanto para usar e vender drogas como para praticar crimes. Sendo assim, para que o bairro pudesse voltar a ser procurado pela população como bairro de moradia, para os entrevistados, a Vila dos Pescadores teria que sair do local em que se situa.

4.1.2 Quanto aos Motivos que Levaram o Bairro a Atual Situação de Abandono.

A herança que Jaraguá carrega por ter sido um bairro que abrigava pensões, bares e estabelecimento cuja atividade era a prostituição seria um dos principais motivos considerados pelos entrevistados capaz de explicar a evasão residencial que o bairro sofreu. Muitos dos participantes, principalmente as senhoras, têm lembrança da época em que eram proibidas pelas suas famílias de passar por determinadas ruas do bairro ou de falar com as moças “da vida”.

Muitas ruas do bairro tornaram-se trajetos proibidos das moças de família que residiam no local. A criação e educação das moças neste bairro, na opinião dos entrevistados, tornou-se inconveniente, principalmente para as famílias mais abastadas. As famílias que permaneceram no local, mesmo tendo ele passado pela transformação de bairro de família para bairro boêmio, provavelmente foram aquelas menos favorecidas economicamente, que não podiam se mudar para outros bairros, depois da decadência de Jaraguá. Após a retirada das meretrizes do bairro, os antigos sobrados e imponentes residências passaram por um período de abandono, mas alguns deles foram tombados ou receberam um novo uso, e o bairro passou a ser considerado um bairro histórico.



Figura 56 - Rua da Alfândega, antigos armazéns e casas noturnas. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 57 - Rua Sá e Albuquerque, antiga Rua da Alfândega, atual prédio da Faculdade de Alagoas (FAL), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

Não foram muitos os prédios que receberam novos usos, mas os principais se encontram em sua maioria apenas na Rua Sá e Albuquerque. Para uma parcela considerável dos entrevistados esse fator pode ser responsável pela situação de abandono do bairro. Por possuir muitos prédios tombados e antigos armazéns com uso comercial, a área não atrai o mercado imobiliário, que fica incapacitado de promover oportunidades do bairro possuir prédios de apartamentos, ou residências mais modernas, com recuos que possibilitam a construção de muros propícios a maior segurança, ou garagem para carros. Os prédios de apartamento, na opinião dessa parte dos entrevistados, são o tipo de moradia mais procurados pelas pessoas nos dias atuais, fato esse que seria prejudicial ao bairro de Jaraguá considerando a pouca procura das pessoas a área como bairro residencial.

4.1.3 Quanto aos Aspectos Relacionados a Revitalização Sofrida pelo Bairro.

Para os entrevistados, apesar da revitalização “não ter dado certo”, como dizem, pelo fato do processo ter se baseado no estabelecimento de bares, restaurantes e casas noturnas, e essas quase que todas terem fechado as portas,

na época em que esses estabelecimentos funcionavam trouxeram ao bairro um movimento de pessoas durante a noite, que foi importante para alguns moradores se sentirem mais seguros. Em contrapartida os idosos entrevistados que residem nos arredores da Praça Rayol, não ficavam satisfeitos com o funcionamento dessas casas noturnas, em detrimento a musica alta, das festas e shows, que lhes atrapalhava o sono.

Como resposta para a pergunta da entrevista sobre o motivo da revitalização não ter funcionado, os idosos em maior parte responderam que o bairro não oferecia a segurança devida aos frequentadores, em detrimento ao estabelecimento no local da vila dos pescadores. E um outro motivo, por eles apontado, seria os altos valores cobrados nos bares e restaurantes pelos produtos, o que teria afastado uma parcela de pessoas de menor poder aquisitivo, assim como o altos aluguéis cobrados aos comerciantes pelo estabelecimento no local.

Embora esse movimento noturno, que existia em Jaraguá na época em que os bares e restaurantes funcionavam, não aconteça mais, um outro ponto positivo que promove movimentação no bairro foi lembrado no discurso dos entrevistados. Atualmente, o Centro Cultural e de Exposições de Maceió, que funciona na Rua Celso Piatti, promove muitos eventos no local, o que atrai muitas pessoas a circularem numa parte do bairro onde os moradores diziam existir por muitos anos um grande terreno abandonado, que era propício ao tráfico de drogas, que se beneficiava com a escuridão das ruas dos arredores. Nos dias de hoje o entorno do Centro Cultural e de Exposições está bem iluminado e com uma maior frequência de visitantes, o que deixou os moradores das ruas mais próximas como a Rua Senador Barros Leite, Comendador Leão e Alexandre Passos, que participaram da entrevista, muito satisfeitos por esse aspecto.

4.1.4 Quanto ao Potencial Econômico do Bairro de Acordo com a Opinião dos Comerciantes Entrevistados.

Poucas das pessoas entrevistadas eram comerciantes, mas para estas embora o bairro apresente um número de assaltos ao estabelecimentos comerciais crescente, Jaraguá poderia ser um bom ponto de comércio da cidade, considerando que o bairro atualmente se configura com características muito mais comerciais que residenciais.

Como sofreu uma mudança recente no trânsito que beneficiou o acesso entre os bairros vizinhos por Jaraguá, o local tem um bom fluxo de passagem carros, o que facilita a visibilidade das empresas e bom acesso dos clientes. Esse ponto é um fator estratégico importante para os estabelecimentos comerciais, na opinião dos entrevistados.

4.1.5 Quanto as Lembranças dos Entrevistados Sobre o Bairro de Jaraguá.

Bons momentos relacionados ao bairro foram citados pelos entrevistados, tanto por aqueles que ainda moram no local como aqueles que já moraram ou frequentaram Jaraguá.

Em especial as festas religiosas foram as mais lembradas. Muitas lembranças infantis ou de juventude dos idosos têm como cenário a festa do Bom Jesus de Navegantes, evento religioso tradicional que acontecia anualmente na Praça Dois Leões em frente a igreja Nossa senhora Mãe do Povo, onde acontecia a quermesse e havia muita “animação e paquera”.



Figura 58 - Igreja Mae do Povo, Matriz de Jaraguá. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 59 - Igreja Mãe do Povo, reconstruída por trás do terreno da anterior, 2014. Responsável por muitas das lembranças dos entrevistados. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

No mesmo local havia um desfile com a banda militar, um evento que também atraía muitos espectadores.

As festas de carnaval também são muito saudosas, assim como as bandas de música que tocavam no coreto da praia eram concertos muito apreciados pelos entrevistados.

Uma outra memória citada com afeto eram os banhos de mar, “um programa que toda criança adorava, quando a praia era cristalina. As pessoas andavam seguras pelas ruas, aqui as crianças brincavam nas calçadas, e quase todas se conheciam”, lembrou Dona Neco, “os vizinhos todos se ajudavam e passavam longas noites em prosa nas calçadas de casa, era como uma família”.

4.1.6 Quanto as Principais Mudanças Espaciais.

Foram poucas as mudanças espaciais identificadas no bairro pelos entrevistados, em especial a deterioração que o bairro está exposto há tantos anos e a situação de decadência da maioria das ruas e prédios de Jaraguá, embora a revitalização tenha recuperado mesmo que pontualmente uma parte do bairro.

A linha do bonde cuja data de retirada das ruas é desconhecida por esta pesquisa, segundo os entrevistados não corresponde a data início de circulação dos ônibus. Embora a linha de bonde ainda existisse quando as pessoas estavam se acostumando a usar também os ônibus, a sua retirada foi significativa para a paisagem do bairro.

Como já foi mencionado anteriormente o tráfego de trânsito de Jaraguá sofreu algumas modificações. Desde que o bairro passou a apresentar características comerciais e não mais residenciais, os entrevistados afirmam que os carros agora atravessam o bairro em alta velocidade principalmente pelas Ruas Sá e Albuquerque, Barão de Jaraguá, Comendador Leão e Cristovão Colombo, antiga Rua da Concórdia.

O Centro Cultural e de Exposições de Maceió também será citado neste item, devido a sua importância quanto ao impacto que sua construção causou no âmbito espacial do bairro. Quase que todos os entrevistados citaram esse prédio como mudança significativa e positiva para o bairro de Jaraguá.

4.2 Uma Amostra das Entrevistas.

Aqui foram transcritos alguns trechos da fala dos entrevistados, considerados mais relevantes quanto ao grau de participação do mesmo e dos aspectos esclarecedores proporcionados pela entrevista. Embora tenha sido feita uma explicação sobre a importância de suas memórias para tentar entender se as mudanças sócio-espaciais ocorridas no bairro podem ser responsáveis pelo abandono que o bairro vive nos dias de hoje, alguns entrevistados pareciam não alcançar a importância de participar da entrevista. Algumas entrevistas não foram consideradas satisfatórias pois o participante não respondeu todas as perguntas por “não saber” o que responder, ou não querer analisar todas as imagens ou nenhuma delas por falta de tempo ou interesse.

Em outros casos as respostas apenas repetiam de forma pouco interessada, o que foi citado em outro momento da entrevista, oferecendo pouco material para a pesquisa.

- Sr^a. Wilma de Andrade Coelho, 76 anos.
Moradora da Av. Comendador Leão, 191, Jaraguá.

Moradora há mais 30 anos do bairro.

Curso médio científico, curso técnico de contabilidade.

“Gosto muito daqui, antigamente era tudo residência, não tinha violência...antigamente conhecia todos os vizinhos. Não mudaria daqui, aqui é tudo perto e é perto do Centro. Mas só me sinto segura na minha casa, já ouvi falar em morte...tem até *boate* gay. Na época que a Sá e albuquerque foi restaurada eu não ia mais lá, mas acabou-se tudo...todos os restaurantes...o barulho não me incomodava... Não acho que esse bairro tenha jeito, ninguém mais quer morar aqui. Aqui agora é só comércio”.

- Sr. Pedro Petrúcio da Silva, 72 anos.

Morador da Rua 14 de Julho, 139, Poço.

Nunca morou no bairro, mas tinha comércio a partir de 1966, na Rua Barão de Jaraguá.

Curso técnico de contabilidade e administração.

Frequentava muito a área também por causa dos Bancos de Londres e do Povo. Lembra da pensão Tabariz, onde existiam 30 ou 40 degraus para a parte de cima, de onde os soldados desciam correndo quando a polícia fazia ronda, e dos barulho das botas dos soldados pelos degraus: “*Pac pac pac...*”

“As moças de família engravidavam ou perdiam a *virtude* e os pais abandonavam lá, era quase uma escravidão, elas não podiam sair toda hora que quisessem...elas sofriam muito”.

“A revitalização não deu certo porque o aluguel das casas de festa eram muito caros, na temporada sem movimento os comerciantes não *se aguentavam*”.

“Hoje só tem movimento em Jaraguá no São João e Carnaval. Quem sabe dos problemas do bairro é quem mora. Temos que participar dessa preservação, porque o patrimônio é do povo”.

“Essa favela é horrível, *tá* dominado, não tem mais autoridade que dê jeito, no começo tiraram eles, mas agora *tá* o dobro. Ali reina a droga, como o bairro pode evoluir com essa favela?”

“Jaraguá de noite é um *esquisito* só, porque não mora ninguém , é só comércio.... não tem iluminação”.

“O bairro não *anda*, está *estacionado*, não tem desenvolvimento Jaraguá”.

“Me lembro de dois irmãos Ataide, que tinham uma loja de peças no Centro da cidade, a Só Wolks. Me lembro também que tinha sempre um senhor que ficava por lá. Um senhor bem alto moreno, bem *estirado*, tava sempre de óculos. Os irmão eram Reinaldo e Rubem”. Fala do Sr petrúcio em resposta a uma pergunta que não estava no formulário, sobre a família da autora.

- Sr^a. Maria José da Silva Costa, 80 anos (Dona Zezé)
Moradora da Av. Comendador Leão, 178, Jaraguá.
Professora Aposentada, nível superior

“Aqui tinham muitos moradores, boas lembranças. A gente nem ligava pra televisão, eu ficava na porta conversando. Os vizinhos que morreram eram como família”.

“Aqui não tem mais segurança nenhuma, tem muito comércio, por isso fica muito *esquisito*, principalmente a noite e final de semana”.

“A revitalização não deu certo. Eu ia a *Casa da Sogra*, era uma maravilha, foi uma beleza!”

“Hoje ninguém quer morar em casas, aqui não tem apartamento, todo mundo quer morar em apartamento. O problema são os políticos, que só pensam neles...o morador de Jaraguá não tem apoio”.

“Ta tudo acabado! O bairro está abandonado e não tem incentivo a melhorias.”

- Sr. José Lucas Filho, 78 anos.
Morador da Rua José Ferreira Araújo, 394, Ponta Grossa.
Funcionário público aposentado, curso técnico de contabilidade.

Pegava muito o bonde que passava pela recebedoria e ia até o Rex, onde conheceu sua esposa.

“ Jaraguá era um bairro de respeito, hoje você pode chegar em casa sem a roupa ao andar por Jaraguá”.

“Hoje as pessoas só tem olhos pra Ponta Verde...o histórico não tem vez, o bairro tem muita coisa tombada , acho que não pode mudar muita coisa. Mas hoje é melhor, porque não tem mais o baixo meretrício. Tem até faculdade, onde era rua *suspeita*”.

“Tenho muitas memórias de juventude, quando adulto ia muito ao clube do Tênis e CRB com os amigos, tinha muita festa e encontros”.

- Sr^a. Cícera Rodrigues, 66 anos
Moradora da Rua Senador Barros Leite, 74, Jaraguá.
Moradora do bairro há 50 anos.
Dona de casa.

“Aqui tinha festa por todo canto, na praça da igreja, na Praia da Avenida. Hoje é todo mundo trancado, a noite é um cemitério na Praça Dois Leões”.

“Melhorou um pouco com o Centro de Convenções, porque deu mais movimento”.

“Tinha que restaurar o resto dos armazéns, que junta um monte de drogado, a polícia, quando aparece, bota pra fora, mas eles voltam”.

“Tem pouco morador no bairro porque fica todo mundo com medo”.

“Não saio daqui , tô acostumada, se saísse sentiria muita falta, conheço todo mundo aqui”.

“Acho que todos deviam se reunir pra ver o que é melhor pro bairro”.

‘Aquela favela estraga! Tinha que ter apartamentos, turismo...Esses armazéns deviam acabar, tudo fechado cheio de drogado, mas é tudo tombado né?...”

- Sr^a. Gedalva Batista da Silva, 62 anos
Moradora da Rua Alexandre Passos, 114, Jaraguá.
Moradora do bairro há mais de 30 anos.
Servente e costureira.

“Tinha uma delegacia aqui, mas acabaram e fizeram um Museu.Tá tudo muito violento, hoje roubam os meninos aqui na porta de casa, não pode mais deixar a porta aberta” - fala da senhora Gedalva ao analisar as imagens da antiga Recebedoria Central e atual Museu da Imagem e do Som (MISA).

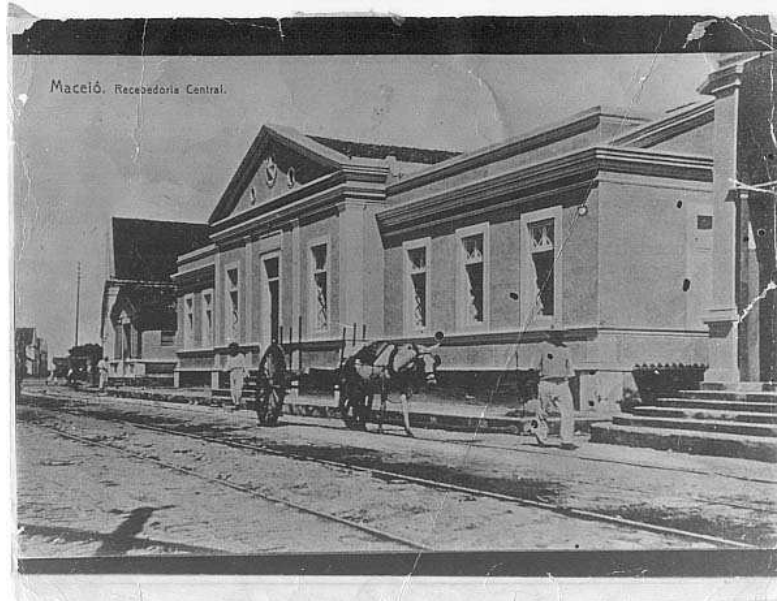


Figura 60 - Fachada Frontal da Recebedoria Central, antes da reforma que lhe transformou em sobrado. Prédio onde funcionou a segunda delegacia auxiliar de policia na década de 60. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 61: Fachada Frontal do Museu da Imagem e do Som (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

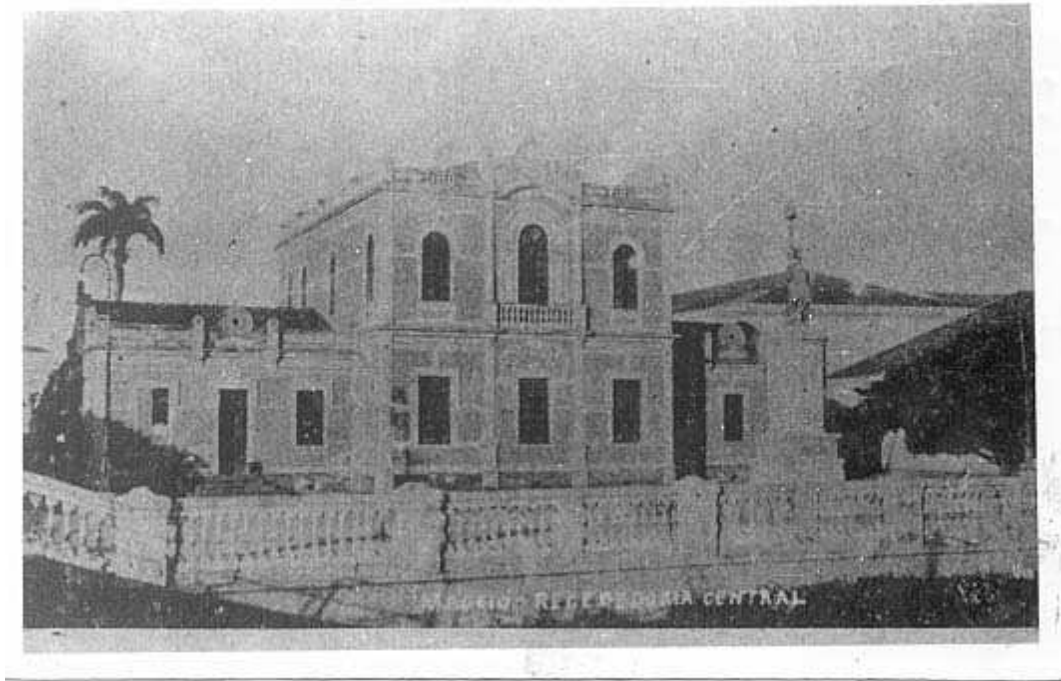


Figura 62 - Recebedoria Central, Praça 18 de Copacabana, década de 20. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem. . Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 63 - Museu da Imagem e do Som (MISA), fachada posterior, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

“Tempo bom quando morava aqui com meu marido, mas ele faleceu e meus quatro filhos também”.

“Quando vim morar aqui era tudo *Carrapateira*, e tinha uma cerca que o homem arrancou um pedaço e matou o outro com uma estaca na cabeça, bêbados!! Os homens bebiam muito aqui. Duas casas pra lá era o *Bar do Banheiro*, onde tinha as prostitutas. O povo do navio vinha de fora e ia tudo pra lá. Minha patroa dizia pra eu não andar aqui só, só com meu marido, se não os homens me pegavam *apulso*, pensando que era mulher da vida”.

“Ainda hoje elas (prostitutas) vem por aqui, eu *ajeito* as roupas delas. Hoje é o Bar da Neusa”.

“Aqui perto também tem um brechó que lá também dorme gente de vez em quando”.

“Ali naquela favela tá horrível, não vou nem comprar peixe, tá tudo perdido”.

- Sr^a. Gisélia de Almeida Sampaio, 69 anos,
Moradora da Rua Alexandre Passos, 124, Jaraguá.
Dona de uma mercearia que existe há mais de 60 anos (Foi da família do marido).

Sofreu assalto duas vezes em sua mercearia.

“As mudanças dos pontos de ônibus *foi* muito ruim, se tirarem os bancos de Jaraguá: pronto acabou-se! Dá 5:00 horas da tarde tá todo mundo com medo nos pontos”.

“E tem aquela favela... tem muita droga. Tá perdido!”

“Me batizei e me casei na Mãe do Povo, representa muito da minha história.”

“Meu pai viu isso tudo se erguer meu sonho era tirar um *retrato* com ele lá, mas ele morreu com 91 anos e não tirei” . Hoje não mudou muito – comentário feito pela senhora Gisélia quando analisou a imagem antiga e atual da Associação Comercial.



Jaraguá Antigo cód. A. 6. Foto nº 00025.
Associação Comercial de Alagoas – Arquitetura com
detalhes Greco-Romano e estilo Neo-Clássico. Uma das
mais belas construções do Estado de Alagoas.1950.

Figura 64 - Associação Comercial, antiga Rua da Alfandega, ao fundo os bondes de trilho. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 65 - Associação Comercial, Rua Sá e Albuquerque, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

- Sr^a. Maria Nedy de Alcântara Costa, 73 anos.
Moradora da Rua Cristovão Colombo, 145, Jaraguá.
Assistente social aposentada.

“Não saio de Jaraguá, porquê praticamente nasci aqui e vou morrer aqui. Minha casa é própria, criei meu filho aqui. Aqui todos se conhecem.”

“Aqui as crianças brincavam na rua, de rouba bandeira, *pedra*, pular corda, iam a praia, que não era poluída não...fui uma criança muito feliz!”

“Ia pro Colégio de São José de bonde, apanhava ele na Rua da Alegria, via nessa hora as pessoas saindo das pensões. As moças muito pintadas com roupas muito rodadas, mas não lembro de nada escandaloso. Mas mesmo assim, nesse tempo não se podia conversar com elas.”

“Naquele tempo ninguém era mais do que ninguém, brincava todo mundo junto, frequentava a mesma praia, mesma igreja...”

“Acho que ninguém mais vem morar aqui não, só na ponta verde porque lá tem a orla bonita tá tudo bem urbanizado, tem muito prédios de apartamentos... Mas lá também tem ladrão!”

“Nesse coreto hoje só mora quem usa droga!”

“Só andava em carro de praça quem tinha dinheiro, era muito caro! Os ônibus a gente chamava de *sopa*.”

- Sr. Leandro Guimarães Góes, 74 anos
Morador da Rua Cristovão Colombo, 85, Jaraguá.
Técnico em edificações.

“Em 1964 me lembro que ainda tinha muita prostituição na Sá e Albuquerque, mas hoje foi tudo pro Canaã”.

“O pavilhão do basquete era um armazém de açúcar, hoje tem muito movimento de jovens lá. Mudou a cara da comendador Leão”.

“Nesse bairro não existe respeito com o morador, na Praça Rayol tem música alta até tarde. Não tem policiamento. O bairro sofreu uma violência com o trânsito, aqui agora passa muito carro e tem muito comércio. Como pode ser residencial? Ninguém mais quer morar aqui!”

“Antigamente meu filho brincava aqui na rua, mas ele perdeu a visão com quatro anos. Minha esposa faleceu há quatro anos, ela gostava de morar aqui.

“Revitalizar a fazer voltar a ser o que era, mas não voltou. Só trouxeram umas casas de show, uns postes franceses, colocaram um calçamento novo lá naquelas ruas e arrumaram uma casas, isso não é revitalizar!”

“Quem sabe se as pessoas morassem no seu comércio, como antigamente, ou se diminuíssem o IPTU, alguém quisesse morar aqui”.

- Sr. Cleidson Blaser de Mendonça, 80 anos.
Morador da Rua Cristovão Colombo, 125, Jaraguá.
Sargento do exército aposentado.

“Essa revitalização foi uma *porcaria*, e usufruiu das bombas do terminal submarino. Mataram o bairro, casa de show mesmo assim não vai pra frente, não pensaram em quem vivia aqui”.

“Onde é essa faculdade era a *zona*, era a *Pensão da Dina*, e onde era o Aeroporco (Casa de shows) era a *Pensão do Mossoró*”.

“Essa rua era um sossego, hoje é trafego quase obrigatório! Fui na prefeitura brigar pra rua voltar a ter o mesmo nome (Rua da Concórdia), mas não me deram atenção!”

“Mesmo assim não saio daqui, porque sou filho de Jaraguá! Aqui era muito bom, uma maravilha, tinha muito morador, muito bangalô”.

“Aqui tem muito assalto! As pessoas vivem presas dentro de casa. A violência não é só por causa da Favela dos Pescadores, é o Estado que não dá atenção”.

“Na praia aqui em frente a maré batia na calçada da Avenida, depois veio a construção do Cais e aterraram tudo. O bairro mudou muito!”

“Não acho que as pessoas voltem a morar aqui não. O povo hoje quer outra coisa. O mundo hoje é diferente!”

- Sra. Renilde de Ataíde Rodrigues 75 anos e Ruth de Athayde e Silva 77 anos.
Rua João Ramos, 285, Graças, Recife PE.
Renilde- Obstetra Ginecologista. Trabalhou na administração do Porto de Jaraguá durante o curso de medicina na década de 60.
Ruth- Pedagoga e Psicóloga

“Andei muito de bonde em Jaraguá, pra trabalhar e pra ir à casa de tia *Francisquinha* que morava no limite de Jaraguá e Pajuçara. Meu noivo ia sempre me buscar pra pegar o bonde na porta do trabalho, por causa das casas de prostituição. Eram muitas, a gente nem podia olhar de lado quando o bonde passava na Sá e Albuquerque”.

“Me lembro muito de uma história de que mamãe esperava papai na janela da casa de tio Joãozinho, para onde vovô a mandou para que não pudesse namorar com o primo, sempre no final da tarde, para lhe dar adeus quando passava de bonde de volta do trabalho”.

“Frequentei muito o Jaraguá Tênis Club, tinha muitas festas, carnaval e desfiles. Na época Jaraguá tinha muitos armazéns de Açúcar. Tinha muito orgulho de ser sobrinha do dono da *Indiano*, que ficava em Jaraguá, Tio João Athayde. Gostava muito de visitar a fábrica”.

“Esse coreto tinha banda de música da polícia, chamava-se *Retreta*, tocavam aos sábados e domingos e tinham muitos instrumentos de sopro. Antigamente era onde os jovens *flertavam*, não existia *paquerar*. Eram as moças *Quem me Quer*. Tenho boas lembranças!”. Imagem do coreto de Jaraguá, analisadas pela entrevistada:



Figura 66 - Coreto Praia da Avenida. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 67 - Coreto Praia da Avenida, 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte:Arquivo pessoal.

“Tenho muita lembrança dessa casa (Museu Théo Brandão), Jaime meu noivo morava nessa pensão de estudantes em 1963. Eu morava na Rua Santa Maria no Centro, depois na Rua Guedes Gondin, também no Centro. Houve uma época em que era muito chique morar na Avenida da Paz”.

“Acho que esse Jaraguá histórico só existirá futuramente na memória dos moradores, e não voltará mais. As pessoas idosas que ainda moram lá provavelmente não estarão mais em Jaraguá daqui há 15 ou 20 anos. Acho muito pouco provável o bairro voltar a ser residencial, talvez se construíssem prédios de apartamentos, porque lá existe uma vista lindíssima da praia, mas não sei como ficaria a questão do impacto sobre a descaracterização histórica do bairro ou da Favela dos Pescadores. Não sei se posso opinar, pois não vivencio o bairro, mas acho que os moradores deveriam participar e dizer o que acham. Eu me surpreenderia se houvesse um projeto de intervenção no meu bairro, sobre o qual não pude opinar.

Mas, na minha opinião, para o bairro voltar a ter vida deveria ser construído algo público, um pólo de lazer, um lugar onde as pessoas pudessem fazer caminhada, talvez incluir a *balança* no projeto. Uma coisa de que a população pudesse de beneficiar e não somente uma parcela de pessoas privilegiadas, políticos e empresários”.

- Sra. Helena de Melo Pimentel, 92 anos.

Rua Cristovão Colombo, 35, Jaraguá.

Frequentou a Escola Profissional de Letras e Artes durante 4 anos.

Estudou Francês, Português, bordado e pintura.

Sempre morou em Jaraguá, mas aos 14 anos mudou-se para outra casa no mesmo bairro, onde casou-se em 1950. Não teve filhos.

“Meu namoro começou numa loja que vendia cuzcuz que tinha aqui perto. “Muitas pessoas não estão mais aqui, minhas amigas todas morreram”.

“Minha infância foi muito boa, quando saíamos da escola os amigos todos brincavam deitados na calçada. Lembro muito da brincadeira do *passa anel*”.

“Ouvia muito falar da prostituição, do Mossoró. Meu pai trabalhava lá naquela rua (Sá e Albuquerque), era uma bagunça. Também lembro da livraria do Professor Lavenere, a filha dele era minha amiga, Ivone”.

“No Natal e em janeiro tinha procissão do Bom Jesus de Navegantes na praça, ia com minha mãe, era muito bom”.

“Aqui antes era muito tranquilo, tinha muitas mocinha nas ruas, hoje só tem drogado, ninguém pode ficar nas portas”.

“Dancei muito no Clube do Tênis”. Meu marido faleceu há apenas 3 anos. Me sinto muito só”.

“Não queria morar em apartamento. Meu pai quem fez essa casa, aqui é tudo grande, ele só gostava de tudo grande. Ele trabalhava num armazém de açúcar, seu trabalho era conferir e marcar o açúcar. Tinha um armazém do lado do Clube do Tênis. Meu pai contava que aterraram tudo na praia, quando eu ia na balança com ele”.

“Não lembro da revitalização, só que trocaram os pisos quebrados. Acho que foi bom”.

“Não tinha o cais, me lembro que tinha uma ponte de *desembarque*. O santo da procissão vinha pelo mar e descia na ponte, depois a procissão ia em direção a igreja”. Era essa a ponte! – Exclamou senhora Helena, chorando muito. “Vinhemos todos por aqui, meu passado *tá* morto. Acabou tudo!”

Quando a entrevistada analisou a imagem antiga da Estátua da Liberdade o comentário feito não foi sobre o monumento, mas da localização da Vila dos

pescadores nos dias de hoje. Em seguida deu sua opinião sobre a retirada da comunidade.

“Aqui (momento em que a entrevistada analisa as imagens da Estátua da Liberdade) tem aquela favela. Faz pena! Todo ano tentam tirar o povo... e nada. Tenho esperança que saiam. Tem que tirar aquele povo dali, até pra eles terem casa descente. É uma pobreza triste! Como pode uma favela num local daqueles!”



Figura 68 - Imagem da Estátua da Liberdade, tirada da Recebedoria Central, ao fundo a Ponte de Embarque, e mais a direita a Ponte do Trapiche Novo, 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 69 - Estátua da Liberdade, tirada do Museu da Imagem e do Som (MISA), 2014. Imagem atual utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

“Minha prima trabalhava aqui nesse banco, ela era escrituraria. Era tão lindo lá, muito bacana! Ia lá só pra conversar com ela. Hoje tá abandonado, nem parece aquele de antes. Caindo aos pedaços”. Fala de senhora Helena ao analisar as Imagens do Bando de Alagoas.



Figura 70 - Banco de Alagoas, Rua da Alfandega, 1920. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.



Figura 71 - Antigo Banco de Alagoas, 2014. Imagem antiga utilizada no processo de associação de imagens e ancoragem.

Fonte: Arquivo pessoal.

- Sr. Argemiro Vieira Guimarães, 81 anos.
Praça Professor Arthur Ramos, 734, Jaraguá.
Aposentado da CEAL, adjunto administrativo.

“Quando vim morar aqui não tinha isso...mas com essas casas de show, acabou-se. Isso não é praça, praça tem bancos, brinquedos de crianças...aqui não tem nada, só muita gente se drogando. Aqui ninguém quer morar mais, só quem já tá aqui. Acabou-se! Mesmo quando a festa acaba, aqui de noite o povo abre o carro com caixas de som, e os homossexuais fazem sexo nos carros, na cara da gente. Pra quem tem filho pequeno é horrível! Cortaram a praça (Paraça Rayol) ao meio. Tinha muito jogo de dominó antigamente, os amigos todos se reunião pra jogar”.

“Fecho a porta pra não ver. É bêbado, gay, cavalo de pau...” Lamentou senhor Argemiro, sobre a moradia atual nos arredores da Praça, Rayol.

“Não penso em sair daqui, até por que ninguém ia querer comprar essa casa. Aqui acontece tudo que não presta. Não tem policiamento. Contratamos um vigia, mas ele não tem arma, então...estamos entregues aos bandidos”.

Aqui tinha uma delegacia, mas foi fechada há muitos anos, o 2º Distrito também.

Essa revitalização foi a pior possível pro bairro. Restaurar é dar vida ao prédio, e não deixar tudo abandonado, desabitado, dando lugar pra marginal. Um ou outro que funciona alguma coisa. Hoje só tem mais banco por aqui. Fiz um abaixo assinado pra não tirar o *calçamento* das calçadas, chamei o *povo* da gazeta, mas não adiantou. Ninguém teve escolha de nada!

Por aqui tinha muita prostituição sim, ainda tem, muita casa suspeita. Na Sá e Albuquerque era o tempo da Tabariz, da Ana, era tudo de luxo. As mulheres da vida respeitavam as moças de família, as coisas só aconteciam lá dentro. Tinha um salão de dança muito bonito na Tabariz. Lá não tinha mulher na porta, não. Só no baixo meretrício, na Rua Costa Cavalcante. Lá era tudo violento e *afrito*. Lá perto do Centro de Convenções era dos pobres. Conheci um caso que a moça não queria casar com o primo, então o pai abandonou lá. Quando fui na parte de trás *peguei* um monte de doença, mas depois *deixei* e me tratei. Não queria *botar* doença na minha mulher.

CONCLUSÃO

A presente dissertação tenta demonstrar que, através da memória de pessoas idosas que possuem uma relação de proximidade com o bairro de Jaraguá situado em Maceió-AL, torna-se possível entender quais as mudanças sócio espaciais ocorridas na área, e também se as mesmas têm relação com a situação de abandono que o bairro se encontra.

O método de pesquisa utilizado foi fundamentalmente a história oral, associada aos processos perceptivos da ancoragem de imagens, por se mostrar uma ferramenta aparentemente adequada para obtenção de resultados da pesquisa. Este fato evidencia-se nas primeiras entrevistas aplicadas, visto que, junto à exposição de imagens, antigas e atuais, proporcionaram além da obtenção direta das respostas dos formulários, também longas conversas elucidativas de importantes pontos de vista dos entrevistados sobre as mais variadas indagações.

Diante de uma pesquisa piloto foi estimado um número de vinte idosos para participar das entrevistas. As pessoas foram abordadas na porta de suas residências, ou através de algum tipo de indicação anterior ou conhecimento da pesquisa. Um pequeno número dentre as entrevistas realizadas não obteve resultados satisfatórios e deste modo ofereceu poucas contribuições ao trabalho. Além dos vinte idosos citados não foram encontradas outras pessoas que pudessem participar da pesquisa por não atenderem aos critérios previamente estabelecidos, os quais seriam: ter mais de sessenta anos, morar por muitos anos no local, não estar impossibilitado por qualquer tipo de doença limitativa da memória.

Através da fala dos idosos foi possível conhecer um pouco de suas memórias e lembranças, um dos objetivos almejados pela pesquisa, satisfatoriamente alcançado. As entrevistas também possibilitaram a compreensão sobre a opinião dos idosos sobre a revitalização acontecida no bairro e o impacto da mesma em suas vidas.

Os resultados obtidos através das entrevistas sobre a revitalização ocorrida no bairro mostraram que para os idosos esse processo não atendeu as necessidades dos moradores, e não compartilhou de seus anseios sobre o que, para eles, seria relevante historicamente para o local. As ações e mudanças propostas pela revitalização não teriam atendido às expectativas dos moradores, o que foi considerado para muitos, um insulto, visto que apenas o sucesso turístico parecia

interessar, deixando claro que o interesse dos usuários do lugar seria algo secundário.

A revitalização de centros históricos parece encontrar neste dilema contemporâneo, entre preservar e consumir, um problema em comum, como foi explorado pela pesquisa sobre o bairro de Jaraguá, um pouco do Recife antigo, em Pernambuco, e Pelourinho, na Bahia. Assim como no bairro de Jaraguá, na década de 90, parte do patrimônio histórico do bairro do Recife foi transformado em espaço extensivo de lazer e consumo, recebendo uma das maiores concentrações de bares e restaurantes da cidade, numa pequena dimensão física de espaço, direcionada para as classes médias. Suas ruas e sobrados passaram por grandes reformas e a região tornou-se, então, um dos mais sofisticados espaços da cidade do Recife.

Esse processo, que caracterizou-se nesses sítios históricos pela política do enobrecimento, aconteceu numa época marcada pelo desenvolvimento de um novo modelo de preservação do patrimônio histórico no Brasil, onde o patrimônio cultural, também poderia ser visto como matéria econômica. No Pelourinho, embora o objetivo do processo de restauração do patrimônio histórico e cultural fosse uma reinserção do bairro a dinâmica da cidade, o potencial turístico da região também tornou-se foco da revitalização.

Atualmente, é comum a exploração sobre o potencial turístico das festas de carnaval através da mídia, não tão expressiva em Jaraguá como no Recife antigo e Pelourinho, onde suas comemorações carnavalescas são uma prática tradicional que contribuem contra a decadência econômica e social vistas nestes centros históricos ao longo do ano.

O bairro de Jaraguá representa para os antigos moradores não apenas um espaço físico, mas um local onde estão guardadas as suas histórias, momentos preciosos de um passado, representados em cada parte daquele bairro. As memórias de Jaraguá se relacionam com um bairro repleto de lembranças, bons momentos, brincadeiras de crianças. Até mesmo a prostituição, que marcou a história da região de forma negativa, teve em algumas entrevistas seu momento de ser lembrada de forma nostálgica, por alguns senhores que encontram nessas lembranças memórias saudosas de uma juventude boêmia.

Ao final da pesquisa, percebeu-se um grande senso de pertencimento dos moradores pelo local, uma vez que todos eles garantiram que não sairiam de Jaraguá se houvesse oportunidade, mas embora compartilhem dessa opinião, concluiu-se que, para esses idosos, uma mudança que pudesse trazer ao bairro nova vida residencial seria quase impossível, devido ao fato de que a área não atende as qualificações exigidas pelo mercado imobiliário. Para os entrevistados, nos dias de hoje, as pessoas apenas se interessariam em voltar a morar em Jaraguá se este obtivesse uma infraestrutura mais moderna e oferecesse prédios de apartamentos, com mais segurança e modernidade a vida das pessoas.

Esta questão parece um tanto incoerente, pelo fato de que uma paisagem moderna não parece condizente com as características físicas históricas do bairro, e provavelmente não seria possível em detrimento da existências de muitos prédios tombados na área.

Considerando a opinião dos idosos sobre a situação atual do bairro, a pesquisa considerou a hipótese de que Jaraguá talvez esteja passando por uma situação de declínio social em detrimento também do crescente desenraizamento da sociedade vivido nos dias atuais. Surge uma inquietação sobre o que, numa sociedade moderna e dinâmica, poderia ser feito nos dias de hoje para que as pessoas pudessem voltar a se interessar pela sua história e suas raízes e entender como suas memórias podem ser importantes, se tratando da preservação da história e raízes de uma sociedade, e assim sua identidade. Trata-se então de um possível aspecto a ser abordado numa pesquisa futura.

Percebeu-se também, que os idosos que participaram da pesquisa pareciam não compreender a importância sobre a preservação histórica do bairro, sendo ele o local onde se deu o início da cidade de Maceió, para a preservação da identidade urbana coletiva. Durante a conversa com os entrevistados notou-se sempre um envolvimento com a história do bairro e o interesse em falar sobre as necessidades dos moradores da área e de como eles foram prejudicados com os anos de abandono que o local passou, o que de fato era um direcionamento do formulário, mas em nenhum momento foram citados se existiriam fatores prejudiciais representadas por esta situação de Jaraguá para a identidade coletiva da cidade ou se isso pelo menos poderia ser considerado uma hipótese. Talvez o não conhecimento dos moradores do bairro sobre sua importância histórica para a

identidade coletiva da sociedade de Maceió também pudesse suscitar outro aspecto a ser explorado num outro trabalho de pesquisa.

A experiência de conversar com pessoas que, dispuseram de seu tempo e se dedicaram, sem nenhuma obrigação, a ajudar a pesquisa através das suas memórias, expondo sentimentos, histórias de famílias, momentos preciosos de seu passado, muitas vezes por eles ainda não lembrados, e por esse motivo ainda não haviam percebidos sua importância em suas vidas, foi muito gratificante, sobretudo por uma questão pessoal mencionada no corpo do trabalho. Assim como também foi importante para os idosos, pois muitos deles, ao término da entrevista, agradeceram pela oportunidade de visitar antigas lembranças e de associá-las a momentos que estavam guardados em suas memórias e não haviam recebido a devida importância.

Uma das idosas demonstrou, de forma bastante emotiva, a sua gratidão e admiração por alguém que estava ali ao seu lado dedicando seu tempo a ouvi-la, e dando atenção às suas memórias, cuja relevância não havia sido percebida nem mesmo por ela, fato este considerado de grande valia aos resultados, uma vez que um dos objetivos prioritários seria a questão relacionada ao sentimento de pertencimento dos idosos sobre o bairro e suas memórias.

Perceber que suas memórias, embora parecessem desprezadas e sem importância, estavam sendo ferramenta principal de um trabalho acadêmico-científico, e poderiam ser úteis para a melhoria e preservação de Jaraguá, devolveu claramente a alguns idosos um pouco de ânimo e elevou sua auto-estima.

Evidenciou-se também, através das entrevistas que, para os moradores entrevistados, a violência e criminalidade sofrida por Jaraguá são fortes contribuintes para que a área não desperte o interesse da sociedade em voltar a habitá-la, tornando-se esquecida e marginalizada. Um dos aspectos que contribuem para essa imagem do bairro seria a existência da Vila dos Pescadores na orla de Jaraguá, que na opinião dos idosos entrevistados, abriga usuários de drogas que oferecem perigo ao bairro e se utilizam dos prédios abandonados como refúgio.

Embora existam tantos problemas sociais que afligem os moradores de Jaraguá, no momento das entrevistas, todos os que ainda residem no local expressaram seu afeto pelo bairro, e por isso afirmaram que se tivessem oportunidade não o deixaram para morar num bairro melhor frequentado da cidade. Acredita-se que, por essa razão, Jaraguá represente o “lugar” desses idosos, onde eles dizem ter passado muitos anos importantes de sua vida, onde suas lembranças

e memórias estão arraigadas e por isso se sentem, apesar da insegurança do bairro, emocionalmente seguros.

A pesquisa sugere que esses resultados, embora incipientes, sejam encaminhados para os setores técnicos responsáveis do Estado, com o intuito de contribuir para a preservação da memória social e coletiva que Jaraguá representa para a sociedade de Maceió, como também para uma nova revalorização do bairro no sentido de inserí-lo à dinâmica social e econômica da cidade, atendendo as necessidades dos usuários.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Perspectiva, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. 4.ed. Campinas, SP : Papyrus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, p.35-65, 2003.

BATHORY, Nina. **Poder e Sociedade**. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/2214757>. Acesso em abril, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Infância em Berlin por Volta de 1900**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2.ed. São Paulo: Bisordi, 2003.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios da psicologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Labur, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Introdução. In: CARLOS, A. F. **A cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?**. São Paulo: Contexto, p. 11-23, 1997.

COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Alessio. **Contar História, Fazer História: História, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

COUTO, Maria Emília de Gusmão; NASCIMENTO, Barbara Thomaz Lins do. **A Imagem do Lugar: Experiências Metodológicas**. Maceió: Edufal, 2013.

DANTAS, Carmen Lúcia; TENÓRIO, Douglas Apratto; MENEZES, José Luiz Mota. **Alagoas Memorável**: Patrimônio Arquitetônico. [S.ed.], 2011.

OSTERMAN, Erika Alezard: **Imagem Urbana: Percepção e Devaneio**. MAU-FAU/UFBa, [S.d].

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a Problemática da Pesquisa**. Passo Fundo/RS: EDIUPF, p. 35-94, 1998.

FERRARE, Josemary. História e Historiografia: Aprisionamento x Libertação. In: FERRARE, Josemary. **A Preservação do Patrimônio Histórico: um RE-pensar a partir da experiência da cidade Marechal Deodoro**.(Dissertação de Mestrado). Salvador: FAUFBA, p. 8-30, 1996.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **Sobre a Concepção e o Papel da Memória em Walter Benjamin**. Salvador:[S.ed.], 1993.

FREIRE, Doia; FERREIRA, Lígia Leite. **História Oral e Turismo Cultural. Interpretar o Patrimônio: Um exercício do Olhar**. Organização: Stela Maris Murta, Celina Albano. Belo Horizonte: UFMG: Território Brasilis. p.121-130, 2002

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A memória Oral no Mundo Contemporâneo**. São Paulo: [S.ed.], 2005.

IVO, Ledo. **Ninho de Cobras**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, p. 22-48, 1973.

LEITE, Rogério Proença. Patrimônio e consumo cultural em cidades enobrecidas. **Sociedade e Pesquisa**. V.8, N.2, p. 79-89, 2005.

LIMA, Vanessa Taciana chagas. **A identificação dos espaços urbanos frente às estratégias de marketing cultural como promoção da imagem da cidade de Maceió**. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, 2010.

LIRA, Elza Maria Rabelo. **Por uma Significação da Moradia: Um Estudo de Caso em Maceió/AL**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Alagoas, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **A Urbanização Brasileira: Padrões e Tendências recentes.** (Org.): Urbanização Brasileira Redescobertas. Editora C/ Arte, Belo Horizonte.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

O JORNAL. **Bairros de Maceió.** Disponível em <http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=26>. Acesso em: abril 2013.

OLENDER, Marcos. Arquitetura, História e Vida. In: LOCUS. **Revista de História.** Juiz de Fora: NHR/EDUFJF, p. 144-152, 1995.

PEDROSA, J F de M. **Histórias do Antigo Jaraguá.** Maceió. Talento, 2008.

PREFEITURA DE MACEIÓ. **Secretaria Municipal de Habitação Popular e Saneamento.** Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/smhps/noticias/prefeitura-viabliza-onstrucao-de-centro-pesqueiro-em-jaragua/>. Acesso em set. 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: v.5, n-10, 1992.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy Cavalcanti. **A Insustentável Leveza do Patrimônio Cultural: Memória e Marketing.** Patrimônio lazer e turismo: Revista eletrônica. Jun, 2006: Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigosa558.html?cod=72>. Acesso em set. 2014.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy Cavalcanti. **Sociabilidades e Usos Contemporâneos do Patrimônio Cultural.** Vitruvius. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.051/560>. Acesso em nov. 2014.

SILVA, Maciel Henrique; SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo. Contexto, 2006.

VICTORIANO, Cláudio. **Jaraguá: História e Boêmia.** Maceió, [S.ed.], 2004

TARGINO, Maria IvonildeMendonça. **Relatos Orais e a Construção da Memória na “Cartilha do Patrimônio”- Centro Histórico Inicial de João Pessoa.** Saeculum Revista de História João Pessoa, 2008.

APÊNDICE - Questionário aplicado nas entrevistas do Bairro:

1.Nome:
2.Endereço:
3.Idade:
4.Escolaridade: <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo
5.Local da Entrevista:
6.Qual a sua relação com o bairro de Jaraguá?
7.Se morou no bairro, porque saiu de lá?
8.Você voltaria a morar em Jaraguá? Por quê? O que lhe faria voltar a residir no bairro?
9. Quais suas lembranças pessoais ou sensações sobre Jaraguá?
10.Você diria que tem memórias afetivas sobre Jaraguá?Quais?
11.Qual sua opinião sobre Jaraguá do ponto de vista de moradia e segurança?
12. O que você pensa sobre a revitalização pela qual o bairro passou?
13. O que você acha que devolveria vida social ao bairro?
14.Você acha que a população deveria ter direito a decidir quais edifícios deveriam ser restaurados?
15. Você acha que o bairro de Jaraguá sofreu alguma mudança espacial e social relevante?

Qual?
16. Diante das suas lembranças do que você mais sente falta no bairro?
17. O que primeiro lhe vem à mente ao analisar as imagens que serão apresentadas?
18. Você poderia avaliar as imagens e ao compará-las identificar as mudanças ocorridas que mais lhe chamam atenção?

Trabalho de conclusão de mestrado – Débora Lucena de Ataíde